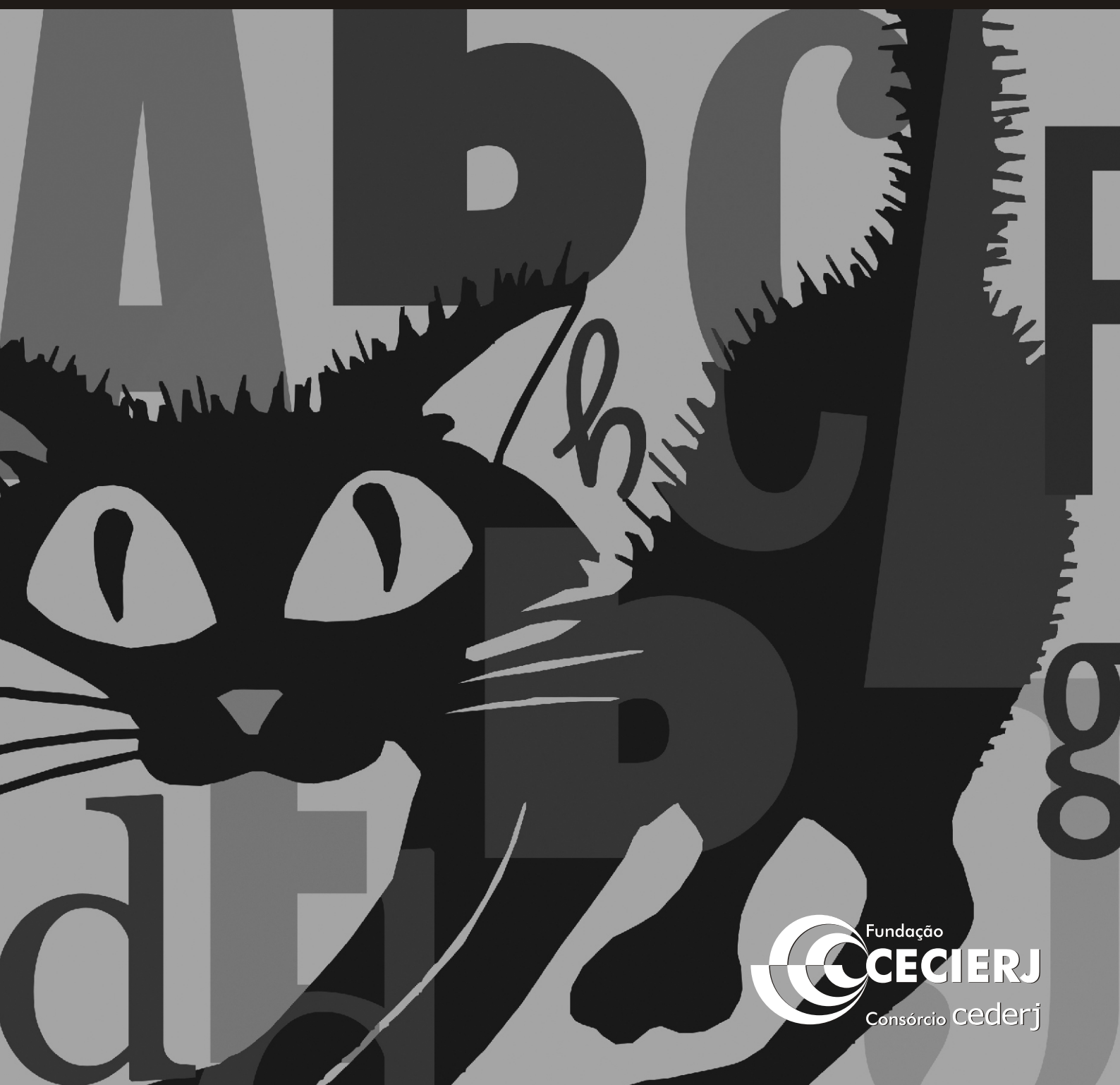


Cláudia Capello  
Flavia Lopes Lobão  
Ligia Martha Coimbra da Costa Coelho

# Língua Portuguesa na Educação 1







Fundação

**CECIERJ**

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

# Língua Portuguesa na Educação 1

Volume 1- Módulo 1

Cláudia Capello

Flavia Lopes Lobão

Ligia Martha Coimbra da Costa Coelho



**GOVERNO DO  
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**



**Ministério  
da Educação**



**Apoio:**



**FAPERJ**

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo  
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

# Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua Visconde de Niterói, 1364 – Mangueira – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20943-001

Tel.: (21) 2334-1569 Fax: (21) 2568-0725

## Presidente

Masako Oya Masuda

## Vice-presidente

Mirian Crapez

## Coordenação do Curso de Pedagogia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental

UNIRIO - Adilson Florentino

UERJ - Vera Maria de Almeida Corrêa

## Material Didático

### ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Cláudia Capello

Flavia Lopes Lobão

Ligia Martha Coimbra da Costa Coelho

### COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

### SUPERVISÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Ana Paula Abreu-Fialho

### DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

José Meyohas

## Departamento de Produção

### EDITORA

Tereza Queiroz

### REVISÃO TIPOGRÁFICA

Cristina Freixinho

Elaine Bayma

Daniela de Souza

Diana Castellani

Patrícia Paula

### COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Jorge Moura

### PROGRAMAÇÃO VISUAL

Márcia Valéria de Almeida

### ILUSTRAÇÃO

Clara Gomes

### CAPA

Clara Gomes

### PRODUÇÃO GRÁFICA

Fábio Rapello Alencar

Copyright © 2009, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

C2381

Capello, Cláudia.

Língua Portuguesa na Educação. v. 1 / Cláudia Capello, Flavia Lopes Lobão, Ligia Martha Coimbra da Costa Coelho. - Rio de Janeiro : Fundação CECIERJ, 2009.

112p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-7648-538-4

1. Língua Portuguesa. 2. Estudo e ensino. 3. Educação. 4. Identidade cultural. I. Lobão, Flavia Lopes. II. Coelho, Ligia Martha Coimbra da Costa. III. Título.

CDD: 469.07

2009/2

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT.

# Governo do Estado do Rio de Janeiro

**Governador**  
Sérgio Cabral Filho

**Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia**  
Alexandre Cardoso

## Universidades Consorciadas

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**  
Reitor: Almy Junior Cordeiro de Carvalho

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO  
RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Ricardo Vieir Alves

**UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
Reitor: Roberto de Souza Salles

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Aloísio Teixeira

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Ricardo Motta Miranda

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO  
DO RIO DE JANEIRO**  
Reitora: Malvina Tania Tuttman



## SUMÁRIO

### Módulo 1 – Falando de língua

**Aula 1** – Poder da língua... Língua é poder? \_\_\_\_\_ **9**

*Cláudia Capello / Flavia Lopes Lobão /  
Ligia Martha Coimbra da Costa Coelho*

**Aula 2** – Língua do poder, Língua do povo...(?) \_\_\_\_\_ **21**

*Cláudia Capello / Flavia Lopes Lobão /  
Ligia Martha Coimbra da Costa Coelho*

**Aulas 3/4** – Língua, ensino de língua e ideologia:  
A escola forma/conforma/transforma \_\_\_\_\_ **41**

*Cláudia Capello / Flavia Lopes Lobão /  
Ligia Martha Coimbra da Costa Coelho*

**Aulas 5/6** – Quem é cidadão no Brasil? Afinal, quem faz a História? \_\_\_\_\_ **57**

*Cláudia Capello / Flavia Lopes Lobão /  
Ligia Martha Coimbra da Costa Coelho*

**Aulas 7/8** – Língua e identidade cultural \_\_\_\_\_ **75**

*Cláudia Capello / Flavia Lopes Lobão /  
Ligia Martha Coimbra da Costa Coelho*

**Aulas 9/10** – Função social da língua e ensino:  
construções e desconstruções \_\_\_\_\_ **91**

*Cláudia Capello / Flavia Lopes Lobão /  
Ligia Martha Coimbra da Costa Coelho*

**Referências** \_\_\_\_\_ **109**







o chifrudo,  
o mais-que-tudo...

É o demo,  
o capeta,

**Será tudo isto a nossa  
Língua Portuguesa?**



## Poder da língua... Língua é poder?

### Meta da aula

Refletir acerca das relações existentes entre língua e poder, a partir da análise desses dois universos.

## objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

1. definir diferentes concepções de poder;
2. relacionar língua a poder.



## INTRODUÇÃO

Na escola, aprendemos que a melhor maneira de se conhecer o significado de uma palavra é procurar sua definição no dicionário. Nossa primeira aula tem, no título, duas palavras-chave: *poder* e *língua*. Sabemos o que ambas significam? O que o dicionário nos dirá?

## AFINAL, O QUE É PODER?

Procurando pelo termo *poder* no *Dicionário Aurélio*, encontramos 27 – isso mesmo: vinte e sete – definições para essa palavra!!! Vejamos algumas delas:

### P O D E R é...

- Ter a faculdade de.
- Ter ocasião, ter oportunidade, meio de conseguir.
- Ter o direito, a razão, o motivo de.
- Ocasião ou oportunidade de.
- Ter possibilidade.
- Dispor de força ou autoridade.
- Ter força física ou moral; ter influência, valimento.
- Ter grande influência ou poder sobre.
- Direito de deliberar, agir e mandar.
- Autoridade, soberania, império.
- Domínio, influência, força.
- Posse, jurisdição.
- Capacidade, aptidão.

Fonte: *Dicionário Aurélio*.

### POLISSÊMICA

Dizemos que uma palavra é polissêmica quando ela possui muitos significados. Falamos ainda em **HISTORICIDADE** quando a palavra se insere em determinado contexto sociotemporal, sendo identificável pelo mesmo.

Procure os demais significados do termo no *Aurélio Eletrônico*.

Essa imensidade de significados nos permite classificar *poder* como uma palavra **POLISSÊMICA**. No entanto, em sua **HISTORICIDADE**, seu valor aumenta, e constitui especificidade própria.

Volte e reveja o quadro com alguns dos significados da palavra poder.

Agora, responda:

Observando nosso amigo, da figura, podemos inferir que ele se insere em qual (ou quais) das definições de poder apresentadas?



E estes três cordiais senhores???



**MICHEL  
FOUCAULT**

Filósofo francês, é autor de obras como *Arqueologia do saber*, *Vigiar e punir*, além de *Microfísica do poder*, de onde extraímos o trecho para discussão.

**NICOS  
POULANTZAS**

Morreu em 1979, aos 43 anos de idade, como um dos maiores cientistas políticos de sua época.

Uma análise dos significados contidos nas definições da palavra *poder* nos leva a perceber que eles inserem essa palavra não só na área cognitiva, mas também no campo político-social, ou seja, quando queremos precisar melhor um termo, visualizando-o como categoria de análise, é preciso levá-lo para seu campo teórico próprio. E o campo teórico do poder é a filosofia política. Nesse campo, há pesquisadores renomados, que discutem sua natureza, abrangência e limites. Entre eles, destacamos **FOUCAULT** e **POULANTZAS**. Veja o que esses dois teóricos nos dizem sobre poder:

Por poder se deve entender a capacidade, aplicada às classes sociais, de uma, ou de determinadas classes sociais em conquistar seus interesses específicos. [...] A capacidade de uma classe em realizar seus interesses está em oposição à capacidade (e interesses) de outras classes: o campo do poder é portanto estritamente relacional. [...] o poder de uma classe significa de início seu lugar objetivo nas relações econômicas, políticas e ideológicas, lugar que recobre as práticas das classes em luta, ou seja, as relações desiguais de dominação/subordinação das classes estabelecidas na divisão social do trabalho, e que consiste desde então em relações de poder (POULANTZAS, 1985, p. 168).

O poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação [...]. O poder é o que reprime a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe [...] (FOUCAULT, 1979, p. 175).

Você pode perceber que há semelhanças entre as reflexões de Foucault e Poulantzas e as definições que vimos no dicionário. Elas falam em *ação*, *processo*, conseqüentemente em *exercício do poder*. Apesar de pertencerem a universos teóricos diferentes, ou seja, possuírem pontos de vista sociopolíticos e epistemológicos que não são os mesmos, entre os dois autores também encontramos alguns pontos em comum. Por exemplo, ambos nos falam de classes e da possibilidade de esse exercício ocorrer através do domínio, da força de uma classe sobre a outra. Em outras palavras, na *capacidade* – ou *possibilidade* – de que os interesses de uma sobreponham-se aos interesses da outra classe. Nesse sentido, é importante frisar que, sendo um processo, uma ação, o poder pode *trocar de mãos*, e é exercido por grupos pertencentes a classes sociais diferentes com interesses igualmente diferentes. Por isso, costumamos dizer que “o poder é luta”...

No entanto, devido aos universos teóricos diversos de Poulantzas e Foucault, notamos também diferenças entre esses dois posicionamentos. Pense sobre elas...

...E agora, quando utilizamos o termo *poder* em relação à língua, em qual ou quais definições estaremos nos baseando?

### ...E O QUE SERÁ LÍNGUA?

Para responder a essa pergunta, é necessário retornarmos ao mesmo trabalho realizado com a palavra poder. Voltemos ao dicionário para verificar o grau de abrangência da palavra em questão – *língua*... O que nosso retorno apontará?

L Í N G U A é, entre outras definições:

- Órgão muscular, carnudo, alongado, móvel, situado na cavidade bucal.
- Conjunto das palavras e das expressões usadas por um povo, uma nação e o conjunto de regras de sua gramática; idioma.
- A língua vernácula.
- Modo de expressão escrita ou verbal de um autor, de uma escola, de uma época; estilo; linguagem.
- A linguagem própria de uma pessoa ou de um grupo.
- Conjunto organizado dos fatos lingüísticos que se impõe a um grupo de indivíduos e que torna possível o exercício, entre eles, da linguagem.

Fonte: *Dicionário Aurélio*.

Recortamos seis (6) das dez (10) definições encontradas no dicionário para *língua*, englobando desde

- Órgão muscular, carnudo, alongado, móvel, situado na cavidade bucal...até



- Conjunto organizado dos fatos lingüísticos que se impõe a um grupo de indivíduos e que torna possível o exercício, entre eles, da linguagem.

É óbvio que a língua a que nos referimos, nesta disciplina, não se relaciona com a primeira definição. Nossas questões se situam no outro pólo – o do pensar sobre a língua como o idioma com que nos comunicamos e expressamos.

Prestando atenção às demais definições, você vai reparar que elas estão situadas dentro de campos teóricos específicos e que não há consenso entre esses campos teóricos que, por vezes, se entrecruzam ao definir *língua*: tanto a **LINGÜÍSTICA**, quanto a filologia e a teoria da literatura conseguem visualizá-la através de suas próprias perspectivas.

Falando mais especificamente da *lingüística*, é importante lembrar que suas investidas teóricas são ainda bastante recentes e que seu fértil campo continua se ampliando. **FERDINAND DE SAUSSURE**, seu mentor, assim reflete sobre língua :

#### LINGÜÍSTICA

É a ciência que estuda a linguagem humana em seu uso. As primeiras reflexões linguísticas datam do início do século XX, com Saussure.

#### FERDINAND DE SAUSSURE

É famoso lingüista, nascido em Genebra, na Suíça, e autor de *Curso de Lingüística Geral*.



Com o separar a língua da fala, separa-se, ao mesmo tempo o que é social do que é individual; o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental [...] A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação [...] A fala é, ao contrário, um ato individual da vontade e inteligência [...] Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua [...] constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica (SAUSSURE, 1974, p. 22-23).

Uma rápida análise desse trecho nos remete a algumas reflexões interessantes. Como podemos perceber, Saussure conceitua *língua*, mas não se esquece da *fala* enquanto seu complemento. Esta descoberta abre caminhos para o que, hoje, entende-se como *lingüística*. No entanto, mesmo percebendo a fala como complemento da língua, o lingüista genebrino separa-as, como se ambas compusessem movimentos próprios e se fundissem somente em determinados momentos, como, por exemplo, no instante mesmo da comunicação.

A evolução da lingüística, contudo, fez com que essa primeira descoberta merecesse maior atenção. Martinet, famoso lingüista dos anos 1950-1960, afirma que

Um enunciado [...] designa-se por SIGNO lingüístico. Qualquer signo lingüístico comporta um SIGNIFICADO, que constitui o seu sentido e valor [...] e um SIGNIFICANTE, graças ao qual se manifesta o signo [...] Uma língua é um instrumento de comunicação segundo o qual, de modo variável de comunidade para comunidade, se analisa a experiência humana em unidades providas de conteúdo semântico e de expressão fônica, [...] de número fixo em cada língua e cuja natureza e relações mútuas também diferem de língua para língua (MARTINET, 1972, p. 10-18).

Lendo o trecho, percebemos, então, que todo enunciado possui um significante, ou seja, uma *imagem acústica* (“trocando em miúdos”, eu ouço e logo imagino o que seja) e, também, um significado, um *sentido* que lhe atribuímos. Faça a experiência: eu digo “casa”; você “escuta” e logo lhe vem à cabeça uma imagem referente a essa palavra (isto é a *imagem acústica*). Logo em seguida, também, você atribui um significado a essa palavra.

**JOAQUIM  
MATTOSO  
CÂMARA JR.**

É conhecido como um dos grandes nomes da lingüística no Brasil; aliás, é o pioneiro deste estudo, no país. Publicou várias obras, e podemos dizer que, "numa época em que o português de Portugal orientava os estudos lingüísticos, ele sistematizou a língua falada no Brasil" (ciencia hoje.uol.com.br).

Já em terras brasileiras, a lingüística aportou em meados do século XX e, anos depois, **JOAQUIM MATTOSO CÂMARA JR.**, nosso mais famoso lingüista, confirma ser a língua

[...] parte da cultura, mas se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente. [...] É, portanto, por meio dela que se processa essencialmente o intercâmbio cultural na sociedade, e ela se torna o acompanhamento de cada fato cultural de duas maneiras – 1) dando-lhe um aditamento lingüístico; 2) propiciando a atuação uns com os outros participantes de uma atividade cultural [...] Assim, uma língua, em face do resto da cultura, é 1) o seu resultado, ou sùmula, 2) o meio para ela operar, 3) a condição para ela subsistir. E mais ainda: só existe para tanto. A sua função é englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la através das gerações (CÂMARA JUNIOR, 1972, p. 21-22).

As definições apresentadas até o momento, situadas no campo teórico da lingüística, nos mostram perspectivas diversas, por vezes complementares, fruto da pesquisa cada vez mais intensa na área e, ao mesmo tempo, bastante diferentes daquelas que, há anos, nos eram apresentadas na escola. Baseada na filologia e na gramática, a *língua* era definida como um conjunto de regras a serem seguidas.

Contudo, mesmo os conceitos anteriores não dão conta da língua como *forma de linguagem*, como um atributo humano que encerra, em sua realização verbal – comunicativa e/ou expressiva – elementos constitutivos das interações e das relações sociais que constrói e que a tornam um processo sociohistórico, por excelência.

Essa definição de língua aproxima-a da perspectiva de conhecimento sociointeracionista, dando conta de algumas de suas funções, porém ainda tangencia seu lado sociopolítico, tão bem marcado em definições apostas no primeiro quadro e que afirmam que a língua "se impõe a um grupo de indivíduos...".

Dessa forma, percebemos que a língua constitui-se, ainda, como o domínio do homem pelo homem. Em outras palavras, esse ato lingüístico, em seu uso é, também, poder.

Para enriquecer/esclarecer ainda mais a nossa reflexão sobre o poder, vejamos um fragmento de *Alice no país das maravilhas*:

Uma grande roseira crescia junto à entrada do jardim; suas flores eram brancas, mas três jardineiros estavam à sua volta, pintando-as de vermelho. Alice achou aquilo curiosíssimo e se aproximou para observá-los(...)

"Poderiam me dizer", perguntou Alice, um pouco tímida, "por que estão pintando essas rosas?"

– Ora, o fato, Senhorita, é que aqui devia ter sido plantada uma roseira de rosas vermelhas, e plantamos uma de rosas brancas por engano; se a rainha descobrir todos nós teremos nossas cabeças cortadas. Assim, Senhorita, estamos nos virando como podemos, antes que ela chegue, para... Nesse momento: "A Rainha! A Rainha!" e imediatamente os três jardineiros se jogaram de bruços no chão(...)

– Levantem-se! – disse a Rainha em voz alta e esganiçada, e instantaneamente os três jardineiros pularam de pé e começaram a fazer medidas para o Rei, a Rainha, os infantes reais e todos os demais.

– Parem com isso! – berrou a Rainha. – Estão me deixando tonta; e, voltando-se para a roseira: – O que andaram fazendo aqui?

– Que seja do agrado de Vossa Majestade – disse um dos jardineiros em tom humilde, pondo um joelho no chão enquanto falava; – Estávamos tentando...

– Entendo – disse a Rainha, que nesse meio tempo estivera examinando as rosas. – Cortem-lhes as cabeças! – e o cortejo foi adiante, três dos soldados ficando para trás para executar os desventurados jardineiros(...)

(CARROL, 2002, p. 81)

## ATIVIDADE



### Atende ao Objetivo 2

1. Após a leitura desta aula, não será difícil destacar uma passagem, uma citação, uma idéia, que se relacione ao fragmento que você acabou de ler. Tente fazer este exercício! Agora, num segundo desafio de reflexão, tente pensar em uma situação cotidiana onde se experimente o “cortem-lhes as cabeças.” Ou seja, onde as relações de poder parecem manifestas – ainda que de modo sutil. Será ainda melhor se você já conseguir relacionar essa resposta com a idéia de poder da língua.

---

---

---

---

---

---

---

---

### COMENTÁRIO

*Na realidade, o que lhe pedimos nesta atividade é que você correlacione alguma passagem ou parte do texto desta aula ao fragmento retirado da história de Alice no país das maravilhas. Também lhe solicitamos que descreva alguma situação que você poderia identificar com aquela expressão – “cortem-lhes as cabeças”...*

Na perspectiva que vimos trabalhando, emergem vários autores, entre eles estudiosos brasileiros da língua e/ou de seu ensino, como Maurizio Gnerre, Hildebrando Dacanal, João Wanderley Geraldi e Luiz Percival Leme de Britto que, em diferentes obras e artigos diversos, apresentam-na como poder, relação que vimos apontando desde o título desta nossa primeira aula.

Geraldi, por exemplo, afirma que

Ao falarmos, não só representamos estados de coisas no mundo, mas pela fala criamos no mundo estados de coisas novos (GERALDI, 1996, p. 51).

Já Gnerre (1987) aponta que

A linguagem não é usada somente para veicular informações [...] O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato lingüístico [...] Os casos mais evidentes em relação a tal afirmação são também os mais extremos: discurso político, sermão na igreja, aula etc. (GNERRE, 1987, p. 3).

Os trechos citados apostam que a língua é uso, sim, mas também ato de construção de sentidos, além de domínio do homem pelo homem... Em outras palavras, eles não estarão aproximando o uso da língua ao poder?

E quando unimos estes dois universos – língua/uso da língua e poder –, como podemos encarar essa atividade que, comumente, dizemos que “serve para comunicar”? Será que essa comunicação ocorre sempre de forma harmônica?

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 1

2. Agora, que já sabemos que há relação entre língua e poder, vamos pensar sobre esse último termo – *poder*?

Logo no início desta aula lhe apresentamos várias concepções de poder. Escolha *duas* dessas concepções e exemplifique-as, com situações que podem acontecer no nosso dia-a-dia. Se esses exemplos estiverem relacionados à língua, melhor ainda!

---

---

---

---

---

---

---

#### COMENTÁRIO

*Com esta atividade, estamos pensando em possibilidades de você articular os conceitos vistos nesta aula sobre poder a situações vivenciadas cotidianamente. Por exemplo, quando um motorista, instado a fazer o teste do “bafômetro”, diz que não vai realizar esse teste porque é uma pessoa pública, conhecida, estamos diante de uma daquelas concepções de poder e, mais ainda, exercida por meio da linguagem verbal...*

## ATIVIDADE FINAL

Este é um desafio que fazemos a você: Se *língua* é poder, pense sobre situações vivenciadas em sala de aula, como professor ou aluno, em que essa relação se fez presente.

Discuta sobre elas, com os demais colegas, no encontro semanal do pólo. E guarde essa resposta para relacioná-la às próximas reflexões que virão...

### RESUMO

Não podemos nos esquecer do que discutimos nesta aula, principalmente quando estamos em sala de aula, na condição de professores. Nesse sentido, apenas para relembrar :

- A língua constitui uma das formas de linguagem – a verbal.
- A língua constitui-se, como tal, nas interações sociais.
- A língua estrutura-se social e historicamente.
- Língua é poder.

### INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

A próxima aula será sobre as relações que trabalhamos neste primeiro momento, ampliando o leque de possibilidades de verificação da língua como poder.

*Afinal, todos utilizam a língua como poder?*



*Credo em cruz!*  
*Benza-me DEUS!*  
*o chifrudo,*  
*o capeta,*  
*o mais-que-tudo...*  
*Ai, Jesus*  
*É o demo,*

**Será tudo isto a nossa  
Língua Portuguesa?**

# Língua do poder, Língua do povo...(?)

## AULA 2

### Meta da aula

Identificar os limites da relação língua/poder.

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

1. destacar a amplitude socioeconômica, política e cultural da relação língua/poder.

objetivo

### Pré-requisito

É importante rever a Aula 1, na qual algumas das reflexões aqui realizadas encontram sua primeira abordagem.



## INTRODUÇÃO

Apesar de constituírem universos teóricos diferentes, quando falarmos de **EMISSOR**, estamos nos referindo ao falante; ao **RECEPTOR**, correspondem os termos ouvinte e interlocutor.

A língua pode ser definida como uma manifestação da linguagem, isto é, constitui uma forma de comunicação verbal que se realiza a partir da utilização do conjunto de signos e normas vigentes e comuns aos falantes que dela lançam mão. A comunicação plena, entretanto, não se restringe a essa troca de signos verbais. É necessário que **EMISSOR** (falante) e **RECEPTOR** (ouvinte, interlocutor) estabeleçam uma relação de entendimento do que está sendo dito; é preciso construir sentidos. E é justamente nesse ponto que começamos a refletir sobre o exercício do poder através do uso da língua.

## O PODER DA LÍNGUA...NA PRÁTICA!

Como se dá esse exercício de poder? Poderíamos considerar que as concepções de poder, contempladas nas definições fornecidas pelo dicionário (Quadro 1.1, Aula 1), sejam as de cunho cognitivo, sejam as de cunho sociopolítico e filosófico, dão uma pista interessante para que possamos responder a essa pergunta.

Imaginemos, por exemplo, uma situação em que falante e ouvinte possuam níveis discursivos heterogêneos, ou seja, o emissor tem com o exercício da língua uma relação intensa e lida com ela sem nenhuma dificuldade, enquanto o destinatário de sua fala se limita a um vocabulário bem menos vasto e exercita sua fala com estruturas limitadas e simples. Não seria absurdo supor que, por sua dificuldade de entendimento de estruturas complexas da língua, esse destinatário se sentisse pouco apto a lidar com a mensagem veiculada pela fala do emissor. Este, por sua vez, teria sobre aquele uma ascendência naturalmente embutida no domínio expresso por sua fala. Nesse sentido, poderíamos dizer que o emissor estaria exercendo algumas das definições de poder, como as que estão selecionadas a seguir:

- Ter a faculdade de.
- Ter possibilidade.
- Ter grande influência ou poder sobre.
- Autoridade, soberania, império.
- Domínio, influência, força.
- Capacidade, aptidão.



Notamos que, na situação/exemplo citada, o emissor estaria inserido nas seis definições selecionadas no Quadro 1.1 da Aula 1, exercendo sobre o destinatário um poder implícito e, muitas vezes, imperceptível. Esse emissor tem a faculdade de se expressar desembaraçadamente, o que o coloca numa situação de domínio em relação ao receptor, já que este último não possui esse desembaraço em relação ao uso da língua.

Assim, o emissor aumenta suas possibilidades de convencimento e sua capacidade de persuasão, operando uma influência sobre o receptor. O emissor torna-se detentor de uma autoridade somente conferida pela suposta ascendência que ele adquire ao dominar um discurso que o outro não é capaz de contestar.

Se pensarmos um pouco sobre a visão que têm **FIORIN** e **SAVIOLI** do ato de comunicação, segundo a qual "comunicar é agir sobre o outro e, por conseguinte, não é só levá-lo a receber e compreender mensagens, mas é fazê-lo aceitar o que é transmitido, crer naquilo que se diz, fazer aquilo que se propõe, [...] comunicar não é fazer saber, mas principalmente fazer crer e fazer fazer", perceberemos que a comunicação verbal é, em grande parte das vezes, um exercício de poder.

Os mesmos autores citam um trecho do *Sermão da Sexagésima*, de autoria do **PADRE ANTÔNIO VIEIRA**, que passamos a reproduzir, para demonstrar esse exercício. Leia o texto:

Será porventura o não fazer fruto hoje da palavra de Deus, pela circunstância da pessoa? Será porque antigamente os pregadores eram santos, eram varões apostólicos e exemplares, e hoje os pregadores são eu e outros como eu? Boa razão é esta. A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, senão ao que semeia. Reparai. Não diz Cristo: Saiu a semear o semeador, senão, saiu a semear o que semeia. Entre o semeador e o que semeia há muita diferença: uma cousa é o soldado, e outra cousa o que peleja; uma cousa é o governador, e outra o que governa. Da mesma maneira, uma cousa é o semeador, e outra o que semeia; uma cousa é o pregador, e outra o que prega. O semeador e o pregador é nome; o que semeia e o que prega é ação; e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter nome de pregador, ou ser pregador de nome não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras são as que convertem o mundo. O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito, qual cuidais que é? É o conceito que de sua vida têm os ouvintes. Antigamente convertia-se o mundo, hoje por que se não converte ninguém? Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obras são

#### FRANCISCO SAVIOLI e JOSÉ LUIZ FIORIN

São professores de língua portuguesa e têm várias obras publicadas, entre elas o *Manual do Candidato*, publicado pela fundação Alexandre de Gusmão com vistas à preparação dos candidatos à carreira diplomática.

#### PADRE ANTONIO VIEIRA

É um dos mais conhecidos autores do período barroco brasileiro. Português de nascimento, Padre Vieira viveu no Brasil no século XVIII e aqui escreveu vários sermões que o celebrizaram pelo famoso "discurso engenhoso", característico do Barroco.

tiro sem bala; atroam, mas não ferem. A funda de Davi derrubou o gigante, mas não o derrubou com o estalo, senão com a pedra. As vozes da harpa de Davi lançavam fora os demônios do corpo de Saul, mas não eram vozes pronunciadas com a boca, eram vozes formadas com a mão. Por isso Cristo comparou o pregador ao semeador. O pregar, que é falar, faz-se com a boca; o pregar, que é semear, faz-se com a mão. Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração, são necessárias obras. Diz o Evangelho que a palavra de Deus frutificou cento por um. Que quer isto dizer? Quer dizer que de uma palavra nasceram cem palavras? Não. Quer dizer que de poucas palavras nasceram muitas obras. Pois palavras que frutificam obras, vede se podem ser só palavras!

O texto constrói uma imagem emblemática: o pregador, comparado ao semeador, só colhe frutos se suas palavras estiverem amparadas na força das ações. Estas, por sua vez, são resultado de palavras eficazes, palavras que levam não somente à reflexão, mas, principalmente, à ação. Enfim, o autor prega a coerência entre palavras e ações, mas deixa claro que a força da palavra é capaz de gerar ações que mudam o modo de viver das pessoas. Por isso, diz que "de poucas palavras nasceram muitas obras" e termina enfatizando que "palavras que frutificam obras, vede se podem ser só palavras!"

Na verdade, a grande oposição presente no texto se dá entre as palavras ditas sem força – ao vento – e aquelas que, sem precisar ser eloqüentes, podem gerar grandes mudanças. Essas atingem o coração.

Ora, o sermonista não nos diz senão que a palavra é uma fonte de persuasão, de convencimento, logo, uma forma de poder que um indivíduo pode exercer sobre outros...

Podemos, ainda, recorrer a nossa história, a História do Brasil, e não será difícil perceber que a tal relação língua/poder comumente está inserida em contextos de violência, principalmente de violência simbólica. Frei Beto não nos deixa esquecer que "depois de roubarem dos tupiniquins a palavra, os portugueses roubaram também o pão(...)". Depois da palavra, o pão... isso porque tendo a invasão se iniciado por território tupiniquim, marcou-se a perplexidade dos habitantes em relação aos nomes dados pelos, até então, "visitantes", revelando a posse que logo se efetivaria. Uma vez efetivada a ocupação e dada a constatação da diversidade das línguas faladas no território, tornava-se patente a necessidade da introdução do novo idioma, emissário da palavra

de um novo deus, portador de novas verdades que viriam justificar a exploração a se desenvolver ao longo dos séculos, de modo a estabelecer o registro da nova vida que se iniciava. É importante destacar as posições que então se revelavam. O colonizador aprende a língua do nativo na medida da necessidade de "ensinar" a sua. E, à medida que esta se vai impondo, permanece cada vez mais à vontade para a expressão total de suas verdades como garantias do sucesso da dominação.

Sobre esta questão, Lobato, em suas *Aventuras de Hans Staden*, mais uma das contações de história de Dona Benta, nos traz um diálogo exemplar entre a turminha e a avó:

(...) – Por que não falamos nós no Brasil a língua dos índios, em vez da portuguesa? Não era a língua natural da terra?

– Quando numa região se chocam dois povos, como aqui, vence a língua do mais forte. Os portugueses suplantaram os índios; era natural que predominasse a língua portuguesa sobre a tupi. Mas a nossa língua brasileira, a que familiarmente falamos e serve sobretudo às populações no interior do Brasil, é uma verdadeira mistura de português e tupi, três quartos de português para um de tupi.

– É verdade, vovó, que a nossa língua é a mais bonita e rica de todas?

– É, sim, minha filha, para nós; para os ingleses é a inglesa; para os franceses é a francesa, e assim por diante. Para os índios a mais bela está claro que seria a tupi (...) (2004, p. 22).



Agora, trazendo a reflexão para o seu cotidiano:

- Quantas vezes você já se sentiu pressionado por um discurso persuasivo, muito além das suas possibilidades de réplica?
- Quantas vezes essa situação já se repetiu em vários âmbitos de sua vida, inclusive na escola, entre você e o diretor; na sala de aula, entre você e seus alunos?
- Rememore estes acontecimentos e reflita sobre sua ação/reação diante dos mesmos.

Podemos entender **IDEOLOGIA** como falsa consciência. Em outras palavras: como idéias que dominam toda a sociedade.

Retornando à análise do texto do Pe. Antônio Vieira, alguns parágrafos atrás, veja que estamos refletindo sobre uma forma de poder: a que "um indivíduo pode exercer sobre outros", através da palavra. Você já deve ter ouvido falar que "Fulano tem o dom da palavra" e também que "quem fala ou escreve corretamente se dá bem na vida". Essas expressões, entre outras tão corriqueiras, encontram-se carregadas de **IDEOLOGIA**, é certo. No entanto – e talvez exatamente por isso – encerram o que o cotidiano ainda não destruiu: o poder da palavra existe. O que isto significa, o trecho do *Sermão da Sexagésima* já nos apontou. Mas teríamos outros exemplos, desta feita reais?

Se fixarmos nosso pensamento, certamente nos lembraremos de que, ao longo da História, houve indivíduos que exerceram seu poder sobre os demais através, também, do uso da palavra persuasiva. Quem não se lembra de estudar, nas aulas de História, sobre Benito Mussolini e Adolf Hitler e de como ambos utilizaram o "poder da palavra" para "encantar" e persuadir, levando os povos italiano e alemão a acreditarem em sua supremacia perante os demais?

Quando refletimos sobre essas "verdades" ficamos, por vezes, como o gato da imagem exposta na capa deste livro: arrepiados, sob uma nuvem de medos e incertezas em relação à nossa própria língua, como se ela fosse uma imensa abóbora que, em um passe de mágica em noite de lua cheia, se voltasse contra nós, ameaçando nossa já tão frágil cidadania... Somos assaltados por pensamentos como, por exemplo: Somente alguns "eleitos" terão nascido com o "dom da palavra"? Somente alguns privilegiados na sociedade serão capazes de "dominar", através da palavra oral ou escrita, a língua que "é de todos nós"? Se a língua pertence a um povo, por que motivo ela discrimina alguns cidadãos que a utilizam, até mesmo na escola, local onde se vai para "aprender a ler e escrever"?

## REFLETINDO SOBRE LÍNGUA E PODER...

Nesse sentido, é bom verificarmos o que nos diz Gnerre:

Talvez exista uma contradição de base entre a ideologia democrática e a ideologia que é implícita na existência de uma norma linguística. Segundo os princípios democráticos, nenhuma discriminação dos indivíduos tem razão de ser, com base em critérios de raça, religião, credo político. A única brecha deixada aberta para a discriminação é aquela que se baseia nos critérios da linguagem e da educação (1987, p. 18).

É por isso que os cidadãos, apesar de declarados iguais perante a lei, são, na realidade, discriminados já na base do mesmo código em que a lei é redigida. A maioria dos cidadãos não têm acesso ao código, ou, às vezes, têm uma possibilidade reduzida de acesso, constituída pela escola e pela "norma pedagógica" ali ensinada (1990, p. 27).

A partir da leitura da citação, podemos inferir que, hoje em dia, fala-se bastante sobre questões relacionadas à discriminação e, por conseguinte, sobre a necessidade de se reativar o sentido de tolerância, por exemplo, o que é um princípio democrático. No entanto, quando o problema se situa no uso desigual da(s) língua(s), do que se encontra dentro do tema da discriminação, pouco ou quase nada se ouve falar. Aliás, é bom lembrar trechos da reportagem intitulada "Lula e a língua do povo", de Josué Machado, publicada na revista *Educação*, em março de 2003:

Na última campanha, (LULA) demonstrou ter aprendido muito. E não só na forma de expressar-se, mas também no tom contido e no domínio dos assuntos. Não se sabe se leu muito ou se usou sua aparentemente excepcional capacidade de aprender de ouvido. Não importa. Uma coisa desagradável em sua fala ele não perdeu: o timbre rascante da voz agreste, apenas suavizado pelo sorriso freqüente e pela amabilidade que, pelo menos até as primeiras semanas do governo, parecem ter aumentado sua popularidade (p. 33).

Mas, enfim, o companheiro Lula se expressa bem ou mal? Agora fala corretamente? Erra muito? Mesmo sob a ótica conservadora da norma culta do idioma, Lula vai bem. (...) De fato, Lula fala a língua do povo, mas muito melhor do que a maioria do povo. Ele ultrapassa de longe a gramática baixa e elementar dominada intuitivamente por qualquer falante, mesmo os sem instrução. De todo modo, sua fala não é propriamente elementar (p. 34).

Podemos dizer que os trechos recortados da reportagem, mesmo fazendo uma análise à primeira vista isenta do uso da língua pelo presidente Lula, também denotam preconceito lingüístico. Você pode pensar em exemplos dessa afirmação nos dois excertos apresentados?

Como podemos perceber pelas reflexões que vimos realizando ao longo desta aula, a língua eleva e promove, mas também discrimina e cerceia: é, ao mesmo tempo, identidade e diferença de um povo, em uma nação. Isto, tanto em termos internos quanto externos. Vamos explicar melhor.

As línguas nacionais identificam um povo, fazem parte de sua cultura. Podemos fazer reparos quanto a isto (e certamente o faremos, em outro Módulo desta nossa conversa); porém, sua natureza, como identidade, é questão posta para muitos estudiosos.

No entanto, essa mesma língua pode discriminar as pessoas que a utilizam, seja falando, seja escrevendo: "Como fulano fala mal!"; "Sicrano escreve muito mal; ninguém entende o que ele quer dizer"... Disto – sua diferença – poucos têm dúvida. E essa dinâmica ocorre dentro das sociedades, muito embora essa desqualificação seja cada vez mais questionada por muitos estudiosos. Vejamos o que nos diz Bagno:

... nós somos a língua que falamos, e acusar alguém de não saber falar a sua própria língua materna é tão absurdo quanto acusar essa pessoa de não saber "usar" corretamente a visão ou o olfato. Nós somos muito mais do que meros "usuários" da língua: a noção de "usuário" faz pensar em algo que está fora de nós, uma espécie de ferramenta que a gente pode retirar de uma caixa, usar e depois devolver à caixa. Nossa relação com a linguagem é muito mais profunda e complexa do que um simples "uso" (...) (2003, p. 17)

E o que anda acontecendo em termos externos? Veja, atentamente, os quadrinhos a seguir...



A leitura dos quadrinhos nos leva a uma série de perguntas: Se nossa língua materna perde cada vez mais espaço para outras línguas, principalmente a inglesa, terá este fato relação com a nossa "inferioridade" socioeconômica? Quando uma loja abre seu espaço com um nome estrangeiro, podemos considerar este fato uma "comunhão lingüística", fruto da "solidariedade entre os povos" ou, na realidade, estamos nos (des)aculturando?

## ATIVIDADES



## Atende ao Objetivo 1

1. Aproveitando o tema, leia atentamente a reportagem do *Jornal do Brasil*, de 4 de fevereiro de 2001, identificando:
  - a. a situação (tema) central da reportagem;
  - b. as argumentações e contra-argumentações presentes no texto;
  - c. as alternativas criadas pela sociedade civil organizada para reverter a situação.

## Speak português?

Expressões estrangeiras invadem o cotidiano. Para alguns, é a globalização; para outros, atentado à soberania (Adilson Pereira)

Um *drive thru* aqui, um *self service* ali depois de trabalhar a manhã inteira vasculhando *home pages* no trabalho, e o sujeito não tem como negar: os estrangeirismos se tornaram parte comum do nosso cotidiano. Para muita gente, algo bastante aceitável, uma das provas de como a dinâmica com que se formam as línguas não poderia ficar alheia à globalização. Para outros, como o pessoal do Movimento pela Valorização da Cultura, do Idioma e das Riquezas do Brasil, que anda espalhando cartazes pela cidade em sinal de protesto pelo abandono do português, é caso de auto-estima do povo verde-e-amarelo. Opinião parecida é a do deputado federal Aldo Rebelo (PC do B-SP), que apresentou, na Câmara, projeto que "dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa". O texto, de 1999, está agora na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara.

Para o filólogo Ricardo Salles, o problema não é exatamente o uso de expressões em língua estrangeira mas, sim, o (ab)uso especificamente do inglês. "Não tem em russo, por exemplo", provoca o bem-humorado estudioso, que vê no excesso de *slevs-devskis* que engolimos um reflexo da hegemonia dos EUA não só aqui, mas em todo o planeta.

Mas colocando-se fora do time dos xiitas ele avisa logo: "Sou a favor de usar a palavra 'shopping', já que importamos com ela um conceito. Desnecessário é *sale* se temos liquidação. Se formos olhar a TV a cabo, hoje, a quantidade de filmes violentos é impressionante. Também é parte do estilo americano que importamos. Se formos comparar, prefiro *sale* a isso", diz. Salles acredita ainda que se as crianças forem ensinadas a ter juízo crítico, o rolo compressor

idiomático não poderá deformar a bagagem cultural delas. O que o especialista acha arriscado é o que chama de "nacionalismo lingüístico". "Acho perigoso por causa das conotações fascistas que dizem que a identidade tem que ser impermeável a qualquer influência estrangeira", alerta.

O professor Sérgio Nogueira, que ajuda, entre outros, o *Jornal do Brasil* a tratar bem a nossa língua, prefere não generalizar. "Não sou um purista. A presença de estrangeirismos existe em qualquer língua. Usar a palavra *dumping*, por exemplo, é melhor do que gastar uma linha inteira para explicar, em português: vender abaixo do preço para prejudicar o concorrente. O mesmo acontece com *doping*. Não acredito em lei que possa mandar na linguagem do povo", diz o professor.

O deputado Aldo Rebelo não só acredita como vislumbra que a sua proposta, depois de passar pelo Senado, pode ser sancionada pelo presidente Fernando Henrique ainda este ano. Rebelo descarta, porém, o caráter de xenofobismo que tanto preocupa o filólogo Ricardo Salles: "O Brasil tem a legislação mais maleável do mundo para estrangeiros. Aqui nunca existiu risco de xenofobia. Nos primeiros governos republicanos, os imigrantes ganhavam no cais do porto mesmo a cidadania brasileira. Temos uma tradição de boa vontade", destaca o deputado. Apesar de tudo, lembra, "isso aqui não é a casa da mãe Joana. O Brasil tem necessidade de manter sua independência. Gosto muito de futebol e quero perguntar aos locutores dos canais a cabo por que o Estrela Vermelha virou recentemente Red Star Belgrado. Os estrangeirismos têm o dom de empobrecer a língua. Futebol é uma palavra de origem inglesa. E acho restaurante mais adequado do que comedor. Mas são palavras que foram aportuguesadas depois de bem absorvidas."

Rebelo vai falar sobre a lei e outros assuntos, no Rio, na próxima sexta-feira, quando, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, acontece um congresso de estudantes que, segundo a previsão de Wadson Ribeiro, presidente da UNE (União Nacional dos Estudantes), deve reunir cinco mil jovens vindos de todo o país (a programação completa está em [www.une.org.br](http://www.une.org.br)).

O parlamentar vai aproveitar o tema *Produção crítica e literatura brasileira*, que também terá como convidados professores de outras universidades brasileiras, para falar, por exemplo, que concorda com uma alteração do seu projeto feita pela Comissão de Educação, Cultura e Desportos da Câmara dos Deputados.



A troca prevê "pena alternativa" em lugar de multa por descumprimento da lei. "O sujeito pode ser obrigado a freqüentar aulas de português ou a recitar um poema", diverte-se o deputado. A pena se aplicaria no caso de alguém desrespeitar a obrigatoriedade de uso do português no ensino e na aprendizagem, nas relações jurídicas e na produção e consumo de bens.

### Um arrastão para resgatar a língua

O cantor Tom Zé é outro que vai estar com os estudantes na UERJ. Deve aproveitar o show para vingar-se um pouco da invasão estrangeira, como já fez numa apresentação recente no Ballroom, no Rio. Na ocasião, o baiano fez uma corruptela-adaptação de termos em inglês. Referiu-se a uma canção rápida como algo "*shortzinho, smallzinho*" que cantaria, provocando urros e risos na platéia. "Para nós nordestinos, a falência do dicionário em geral é um desastre cósmico. O valor mais alto é o da circulação da palavra. Dizem que os radicais são fomentadores daquilo que a sociedade vai criar dali a cinco anos. Se importamos radicais de outros países, o que vamos criar?", pergunta o artista, que cita com entusiasmo o exemplo dos franceses que renomeiam aparelhos que vêm doutras plagas. "No shopping, quando aparece uma lojinha com nome de 'Erva-cidreira', dá vontade de comprar nela mesmo que a gente não precise de nada. Em shopping, tem tanto nome em inglês, é uma coisa tão antipática, tão novo-rico", lamenta.

Tom Zé talvez então não entrasse no Joe & Leo's. Mas se sentiria à vontade para pedir em casa uma comida do restaurante que pode ser achado no São Conrado Fashion Mall e no New York City Center. Os sócios da casa usam e abusam das expressões vindas da terra do Tio Sam para dar ao ambiente o clima que consideram ideal para servir seus produtos, mas, quando encomendaram a uma agência de publicidade uma estratégia para lançarem-se nas entregas em domicílios, fizeram questão de que não fosse usada a palavra *delivery*. "O projeto acabou não vingando porque nossos produtos são muito artesanais e perdem a qualidade se demoram a ser consumidos. Mas *delivery* seria exagero. O conceito da casa é bastante americano. Em vez de 'experimente', optamos por *new* para anunciar um novo prato.

Não funcionaria de outro jeito. Se eu tivesse um restaurante de comida francesa, teria expressões neste idioma", justifica André Cunha Lima, um dos

sócios, acrescentando que "só 0,1% do público se confunde com as palavras". Entre este 0,1% esteve um casal que discutiu em frente à filial da Barra, diante do letreiro de néon em que se lia a palavra *open*. O rapaz achava que isso significava aberto, a moça, fechado. "Em alguns casos, acho *over*. Agrade aos ouvidos. A Barra tem essa tendência", aponta o empresário dos hambúrgueres.

O espanhol Benigno Garcia, um dos sócios da padaria Barra Bakery, concorda com o colega do restaurante. Ele explica que a opção para o batismo da loja foi por acaso. E dá o que considera a receita para o sucesso: "O que faz diferença é qualidade dos produtos", diz, tirando da lista de ingredientes palavras em outro idioma na placa da entrada. Por falar em placa de entrada, o Banco do Brasil teve que mudar – por pressão de clientes – a sua de "personal banking" para uma outra com frase em português. Se a moda pega, os shoppings ficarão congestionados de operários trocando letreiros nos fins de semana: três grandes centros de comércio deste tipo no Rio têm, em suas dependências, mais de 50% das placas com nomes de lojas fazendo alguma alusão ao inglês, seja apelando para o apóstrofo seguido de "s" ou para as letras "k", "w" ou "y" compondo o nome do estabelecimento. Das 540 lojas do BarraShopping, 60% têm nomes estrangeiros. Em Nova York, não passam de 28% o total de estabelecimentos do World Financial Center que não são batizados em inglês. E em Paris, só 27% dos letreiros do Carrousel du Louvre não são em francês.

O publicitário Lula Vieira concorda que a Barra exagera. Ele não se preocupa com o projeto de lei de Aldo Rebelo (o deputado já declarou que o que ele quer é "provocar a discussão") e tem a impressão de que o excesso de estrangeirismos "já está se tornando brega". "Quando é termo técnico, não tem problema nenhum. E não há como pedir, hoje, que as pessoas usem esboço no lugar de *layout*", destaca o publicitário. Uma verdadeira loja sofisticada, hoje, não apelaria para nomes em inglês. Na zona norte, para as classes C e D, talvez, mas no Leblon, por exemplo, uma Casa de Pasto Vieira não seria melhor do que qualquer coisa batizada em inglês?", indaga. Lula garante que, se fosse trabalhar hoje na concepção de um nome de shopping, optaria por alguma expressão indígena. "Estas expressões já viraram piada. E isso funciona mais do que decreto, você passa a rir dessa mania de Miami da Barra", avalia.

O pessoal do Movimento Pela Valorização da Cultura, do Idioma e das Riquezas do Brasil parece até disposto a rir, mas só depois de conseguir – não com piadas, mas com panfletagem, cursos e distribuição de livros, entre outras empreitadas – a transformação do cenário que enxergam entupido de estrangeirismos. É um grupo que se declara, hoje, atuando com 50 pessoas mas com um catálogo de outras 700 que se identificam com a causa e prontos para agir. A causa se tornou visível para os cariocas pelos cartazes espalhados pela cidade, em que aparecem riscadas expressões escritas em inglês. Do lado de cada uma delas, o equivalente em português, sugerindo que se opte pelo similar nacional. "Valorize o idioma nacional! A liberdade começa na língua", lê-se também no rodapé da peça produzida pelo grupo que não se considera de direita ou esquerda mas, *apenas* nacionalista.

"Éramos um grupo de 12 pessoas, estudantes e outros profissionais. Panfletamos e anunciamos nossa intenção de protestar diante da inauguração daquela estátua da liberdade na Barra. A língua é tudo. Um povo sem língua nativa é um povo sem alma", declara Wagner Vasconcelos, de 35 anos, estudante de direito da UFRJ e que se define como "ativista político cultural voluntário de carreira".

O grupo, que também espalha cartazes em que USA aparece riscado e seguido pela frase "resistir é preciso", espera produzir nos próximos meses, "financiado pelo povo", livros e cartilhas que despertem a atenção dos cariocas (e depois dos nativos de outros estados) para a importância de manutenção da língua portuguesa e de outros ícones da cultura brasileira. Quem quiser saber um pouco das propostas deles poderá encontrá-los em sua reunião de hoje em Copacabana (no Posto 2, a partir das 17h), para o que chamam de "arrastão cultural". (A.P.)

2. Reflita, ainda, sobre a afirmação de Ieda Rodrigues, em artigo dentro da mesma reportagem. Depois, analise-a:

"O inglês é falado por quem compra a moda. E quem compra, dita preço e idioma".

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Agora, leia com calma a citação seguinte, retirada de livro de Souza:

No Brasil, a perda de prestígio cultural levou o francês a ser maciçamente substituído pelo inglês nos currículos escolares; ficou patente a progressiva influência cultural e econômica, decorrente do capitalismo internacional e particularmente dos Estados Unidos. A ascensão do inglês, por seu prestígio econômico, tem sido referendada por sistemas escolares de grande número de países latino-americanos, africanos e até mesmo asiáticos. [...] Na venda de seu inglês oficial (tido como "mais puro"), a Inglaterra arrecadou, em 1988, nada menos que 25,3 milhões de libras esterlinas, ensinando-o através de institutos oficiais em vários países do mundo (1990, p. 78).



A leitura atenta da citação nos remete a outra série de indagações. Nas escolas, as línguas estrangeiras ensinadas também o são ao sabor dos "ventos econômicos"? Ensina-se o inglês – e vê-se inglês espalhado por toda a parte deste país – por que esta é uma língua de cultura ou por que é a língua do poder econômico?

As perguntas vão gerando outras angústias maiores: Quem somos nós, falantes da língua portuguesa? Teremos alguma identidade enquanto usuários desta língua? Essa identidade tem poder? Perante "quem"?

E a imagem daquele gato sobre a abóbora renasce em nós...

Mas nem todas as nossas angústias se concentram naquela abóbora. Afinal, no plano simbólico, ela pode virar carruagem a qualquer momento, não é mesmo? Nesse sentido, vale a pena lembrar que:

- A língua de um povo tem poder. No entanto, a língua do poder não é a língua do povo. Da gente simples, que constrói o país; do operário, que trabalha e ganha salário-mínimo. Contudo, é a língua de uma determinada classe, ou de grupos pertencentes a essa classe que, através de mecanismos como a argumentação e a persuasão, muitas vezes nos convencem sobre o que "é melhor para nós"...

Você se recorda da música *Língua*, de Caetano Veloso?

Leia a letra com atenção e, depois, analise-a, a partir do último parágrafo.

Gosto de sentir a minha língua roçar  
 A língua de Luís de Camões  
 Gosto de ser e de estar  
 E quero me dedicar  
 A criar confusões de prosódia  
 E uma profusão de paródias  
 Que encurtem dores  
 E furem cores como camaleões  
 Gosto do Pessoa na pessoa  
 Da rosa no Rosa  
 E sei que a poesia está para a prosa  
 Assim como o amor está para a amizade  
 E quem há de negar que esta lhe é superior  
 E quem há de negar que esta lhe é superior  
 E deixa os portugueses morrerem à míngua  
 Minha pátria é minha língua  
 Fala Mangueira  
 Fala!  
 Flor do Lácio Sambódromo  
 Lusamérica latim em pó  
 O que quer  
 O que pode  
 Esta língua

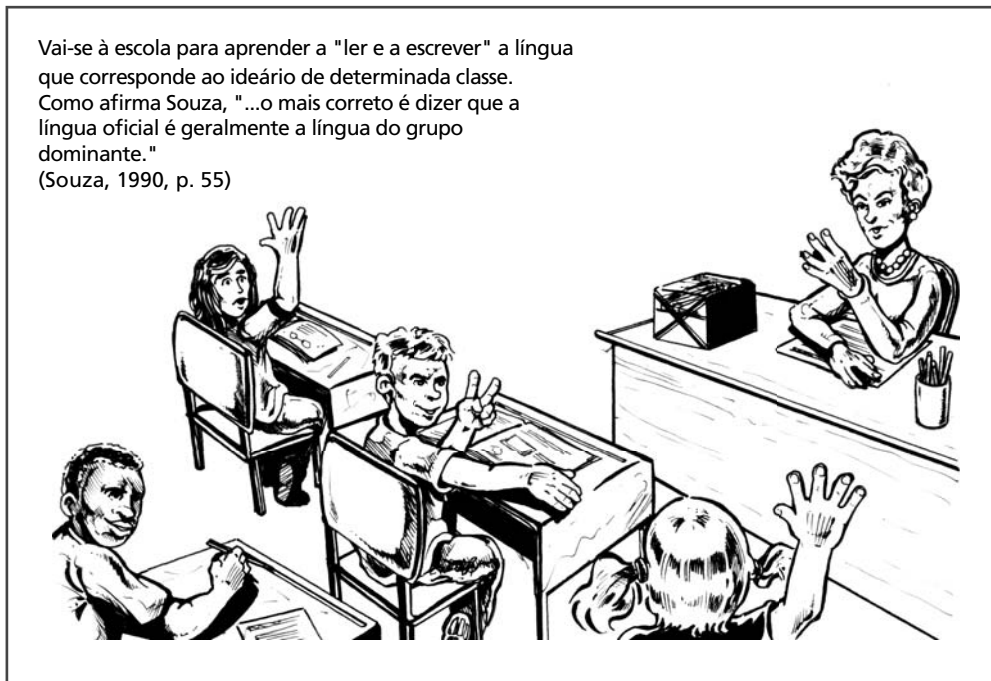
Vamos atentar para a sintaxe paulista  
 E o falso inglês relax dos surfistas  
 Sejam imperialistas  
 Cadê? Sejam imperialistas  
 Vamos na velô da dicção choo de Carmem Miranda  
 E que o Chico Buarque de Hollanda resgate

E Xeque-mate, explique-nos Luanda  
Ouçamos com atenção os deles e os delas da TV Globo  
Sejamos o lobo do lobo do homem  
Sejamos o lobo do lobo do homem  
Adoro nomes  
Nomes em ã  
De coisa como rã e ímã...  
Nomes de nomes como Scarlet Moon Chevalier  
Glauco Mattoso e Arrigo Barnabé, Maria da Fé  
Arrigo Barnabé

Incrível  
É melhor fazer uma canção  
Está provado que só é possível filosofar em alemão  
Se você tem uma idéia incrível  
É melhor fazer uma canção  
Está provado que só é possível  
Filosofar em alemão  
Blitz quer dizer corisco  
Hollywood quer dizer Azevedo  
E o recôncavo, e o recôncavo, e o recôncavo  
Meu medo!  
A língua é minha Pátria  
E eu não tenho Pátria: tenho mátria  
Eu quero fráttria  
Poesia concreta e prosa caótica  
Ótica futura  
Samba-rap, chic-left com banana  
Será que ele está no Pão de Açúcar  
Tá craude brô, você e tu lhe amo  
Qué que'u faço, nego?  
Bote ligeiro  
Nós canto falamos como quem inveja negros  
Que sofrem horrores no Gueto do Harlem  
Livros, discos, vídeos à mancheia  
E deixa que digam, que pensem, que falem.

(*Língua*, Caetano Veloso. Editora: Guilherme Araújo Produções Artísticas Ltda.  
(Adm.por) Waenwe Chappell Edições Musicais Ltda. Todos os direitos reservados.  
Obra cedida gratuitamente pelo autor Caetano Veloso e pela editora Guilherme Araújo  
Produções Artísticas Ltda. (Adm. por) Waenwe Chappell Edições Musicais Ltda.)

A língua, enquanto sistema normatizado e pertencente a uma classe, é ensinada na escola. O "aprender a ler e a escrever" – tão citado pelo povo quando perguntado sobre por que frequenta essa instituição formal de ensino – possui, assim, características ideológicas. Vai-se à escola para aprender a "ler e a escrever" a língua que corresponde ao ideário de determinada classe. Como afirma Souza, "...o mais correto é dizer que a língua oficial é geralmente a língua do grupo dominante" (SOUZA, 1990, p. 55).



- No entanto, a língua é formada por signos linguísticos que possuem valor sócio-histórico, e que se constroem na interação social. Essa característica, se bem entendida e trabalhada na escola, pode contribuir para que entendamos sua **função social** a partir de outros parâmetros que não aqueles utilizados até o momento.

## ATIVIDADE FINAL

Relembre suas aulas...

Que relações comunicativas você estabeleceu/estabelece, na escola, com o diretor, os demais colegas, os funcionários, os pais de seus alunos e, se for o caso, com seus alunos?

Pense sobre essas relações: Foram interlocuções onde só você – ou o outro – falou? Ou, ao contrário, houve interação – ambos argumentaram e chegaram a conclusões? Onde essas interlocuções ocorreram? O ambiente possibilitava a troca, ou – ao contrário – inibia um dos lados dessa interação?

Você já pensou sobre a dificuldade que algum aluno possa ter para se comunicar em sala, apenas pelo fato de o professor ser a autoridade máxima nesse ambiente ou, pelo menos, assim ser considerado? Você já se colocou nessa mesma situação?

Analise estes questionamentos, levando em consideração o título desta aula, e, em seguida, produza um texto sobre essas questões.

---

---

---

---

---

---

---

---

### RESUMO

Há uma concepção de língua *culta* que cria um abismo entre a língua legitimada e a língua falada pelo povo. Nesse sentido, compromete-se sua função social, ampliando-se a desigualdade já existente na sociedade.



## INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos discutir com mais profundidade a relação língua/uso da língua e ideologia. Também vamos iniciar reflexões em direção ao papel da escola no ensino da língua... Afinal, "ensina-se" uma língua?



# Língua, ensino de língua e ideologia: A escola forma/ conforma/transforma?

AULAS

# 3/4

## Meta da aula

Apresentar o uso da língua como encerrando visões sociais de mundo diferentes que ela representa.

## objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

1. analisar a relação existente entre visões sociais de mundo ideológicas; visões sociais de mundo utópicas e o uso da língua;
2. reconhecer que as diferentes visões sociais de mundo implicam representações que são evidenciadas por meio da língua e que esta relação está presente no ensino.



## O QUE É ENSINAR?

Ao iniciarmos estas aulas, uma questão complementar nos assalta: como definir o que é ensino, para chegar ao ensino de língua materna? Atualmente, nos deparamos com a preocupação que têm os educadores de "fazer educação", em lugar de "fazer ensino". Essa preocupação é legítima e tem suas razões. Pensemos um pouco a respeito disso, resgatando a concepção de ensino de alguns séculos antes de nós.

Para começar, vamos buscar a etimologia da palavra ensino: o termo vem do latim *insignare*, que significa "marcar com um sinal". Isso significa que o mestre deixa uma marca no seu discípulo, um sinal. Mas que tipo de sinal?

Marcar com um sinal não é necessariamente algo positivo. Muitos ensinamentos visaram, ao longo da História, ao aperfeiçoamento da dissimulação e da vitória dos fortes sobre os excluídos. Um exemplo desse tipo de "mestre" é o **CARDEAL MAZARIN** que, em seu *Breviário dos políticos*, faz uma apologia, entre outras coisas, à arte de envolver através do poder das palavras. Esse poder é também garantido, como vimos, àqueles que possuem o saber instituído, e à suposição de que este saber confere à pessoa que o possui credibilidade e respeito, segundo o autor.

Assim, o cardeal escreve seu breviário *todo no IMPERATIVO*, fazendo de seu ensinamento uma verdade a ser seguida.

Vamos ver algumas passagens da obra citada:

Se deves escrever num lugar por onde passa muita gente, coloca verticalmente diante de ti uma folha já escrita e finge recopiá-la. Faz que todos a vejam (p. 81).

Se uma frase desastrosa te escapa, se dizes uma asneira, afirma imediatamente que o fizeste de propósito para colocar a assistência à prova ou para troçar de alguém (p. 148).

Se alguém se engana por ignorância, que tuas perguntas não venham revelar que em seu lugar terias cometido o mesmo erro, estando na mesma ignorância (p. 148).

É importante ler obras sobre a afirmação e a demonstração, a ordem e a colocação das palavras, a dedução, a prova e a argumentação, a redução dos silogismos, a maneira de dispor a premissa maior, de reforçar a menor e de consolidar ambas, as conclusões positivas ou negativas, as regras da objeção, as articulações do discurso, as leis de desenvolvimento de um parágrafo, as figuras de estilo, a avaliação

### CARDEAL MAZARIN

Sucedeu Richelieu em 1642, na França, e escreveu o *Breviário dos políticos* nos anos que assistiram às guerras civis inglesas, que culminaram na decapitação do rei.

Repare que o próprio termo – **IMPERATIVO** – já se origina de imperar, mandar, ordenar... Todo imperativo reflete uma ordem, portanto.

da força ou da fraqueza de um ponto de vista contrário, de suas zonas de fragilidade e de seus recursos de defesa (p. 194).

Consulta com frequência os tratados dos grandes retóricos: estes sabem não apenas provocar o ódio, mas também voltá-lo contra os que o provocaram; são capazes de excitá-lo ou de atenuá-lo. Eles te ensinarão igualmente como acusar ou te defender com a maior eficácia. O mais importante é aprender a manejar a ambigüidade, a pronunciar discursos que possam ser interpretados tanto num sentido como no outro a fim de que ninguém possa decidir.

Segundo os conselhos do autor, a palavra deve ser uma arma, um escudo, um privilégio capaz de assegurar aos poucos que a aprendem a dominar uma boa dose de poder. Sob essa perspectiva, ensino que equivale a conselho é uma marca impositiva, que mostra o caminho do domínio. A linguagem do poder é manifestada inclusive por esse uso da palavra – ou da língua – e também reconhecida nos gestos, nas expressões, nas atitudes, na palavra literária, como fica claro no primeiro trecho citado e no poema que lerão a seguir:

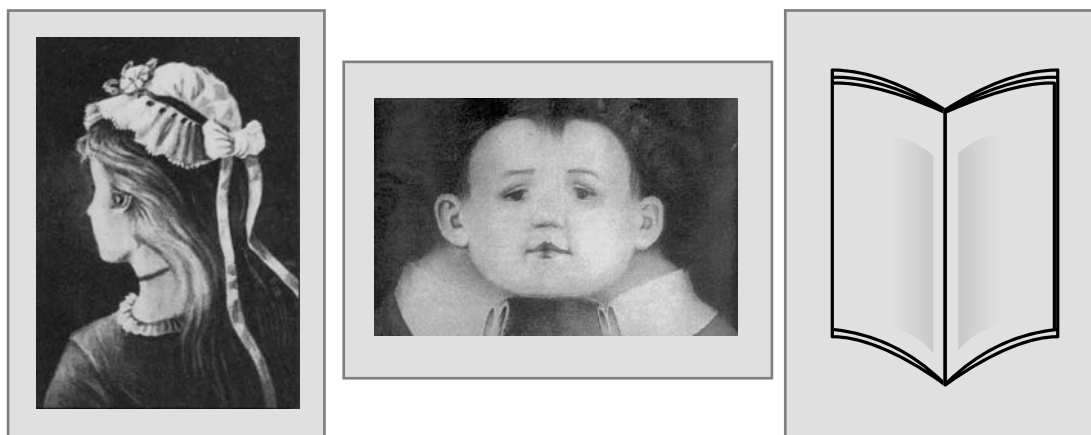
Qual a mais forte das armas,  
 A mais firme, a mais certa?  
 A lança, a espada, a clavina,  
 Ou a funda aventureira?  
 A pistola? O bacamarte?  
 A espingarda ou a flecha?  
 O canhão que em praça forte (...)  
 Qual a mais firme das armas?(...)  
 A faca, o florete, o laço  
 O punhal ou o chifarote?...  
 A mais tremenda das armas,  
 Pior que a durindana,  
 Atendei, meus bons amigos  
 Se apelida: – a língua humana! (Fagundes Varela)

## ATÉ QUE PONTO NOSSA PRÁTICA “ENSINA” A LÍNGUA MATERNA?

E hoje? Conforme adiantamos no final da aula anterior, que linguagem ou linguagens têm utilizado alguns professores, em sala de aula? Eles têm lidado com a construção do pensamento, a construção do saber, ou têm demonstrado o seu pensamento e o seu saber? Têm sido lentes?

Ao longo dos séculos, a interpretação da função do professor foi ficando também mais abrangente e bastante diferente. E sua linguagem, mudou? Foi-se o tempo em que "lente" era sinônimo de "professor", que era assim chamado porque era ele quem lia para os alunos. Era através de seu olhar que o aluno deveria aprender, “beber de suas palavras”. Ou seja, um único olhar era admitido...

Mas será que esse único olhar é realmente *único*, em todos os sentidos e situações? Ao olharmos as figuras que se seguem, enxergamos – todos – as mesmas imagens?



Se você conseguiu enxergar, no primeiro quadro, uma menina – muito bem! Mas se enxergou igualmente uma senhora idosa, muito bem também!

Se, no segundo caso, duas faces foram vistas, ótimo. Se, ao contrário, você percebeu apenas uma, sem problemas... Pode ser visto desta forma, também...

Se, no terceiro quadro, você visualizou o livro de costas, enxergou bem. Porém, se o encontrou aberto para você, além de ter visto bem, você é ainda uma pessoa que gosta de ler... Que bom atributo para um professor, ou futuro professor!

Brincadeiras à parte, o fato de não visualizarmos, obrigatoriamente, as mesmas imagens, abre perspectivas para entendermos a relatividade das coisas e representações no mundo. Em outras palavras, podemos dizer que o que enxergamos, falamos, escrevemos enfim, vem acrescido de nossa *visão social de mundo*, nosso entorno sociocultural e econômico, o que possibilita diferentes interpretações para um mesmo fato, imagem, texto...

Vejamos como o poema de Drummond nos ajuda a compreender esse assunto:

"Eu, etiqueta"

(Carlos Drummond de Andrade)

Em minha calça está grudado um nome  
Que não é meu de batismo ou de cartório  
Um nome...estranho.  
Meu blusão traz lembrete de bebida  
Que jamais pus na boca, nesta vida.  
Em minha camiseta, a marca de cigarro  
Que não fumo, até hoje não fumei(...)  
Meu tênis é proclama colorido  
De alguma coisa não provada  
Por este provador de longa idade.  
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,  
Minha gravata e cinto e escova e pente(...)  
Meu isso, meu aquilo,  
Desde a cabeça ao bico dos sapatos,  
são mensagens,  
letras falantes,  
gritos visuais  
ordens de uso, abuso, reincidência(...)  
e fazem de mim homem, anúncio itinerante,  
escravo da matéria anunciada.  
Estou, estou na moda.  
É doce estar na moda mesmo que a moda seja negar minha  
identidade(...)

Com que inocência demito-me de ser  
eu que antes era e me sabia  
tão diverso dos outros, tão mim-mesmo(...)  
Agora sou anúncio  
Ora vulgar, ora bizarro,  
Em língua nacional ou em qualquer língua(...)  
Eu é que mimosamente pago  
Para anunciar, para vender (...)  
e bem à vista exibo esta etiqueta (...)  
onde terei jogado fora  
meu gosto e capacidade de escolher (...)  
Por me ostentar assim, tão orgulhoso  
De ser não eu, mas artigo industrial,  
Peço que meu nome retifiquem.  
Já não me convém o título de homem,  
Meu nome novo é coisa  
Eu sou a coisa, coisamente.

Reforçando a idéia, são então as nossas representações do mundo – e das coisas no mundo – que diferem, tendo em vista o arcabouço social e cultural em que nos inserimos. E não podemos esquecer que esse arcabouço é influenciado pelas idéias dominantes na sociedade que, em última análise, são as idéias da classe dominante – como nos afirma Marx, ao refletir sobre o conceito de ideologia.

Assim é que, com o texto do Drummond, pudemos perceber, por exemplo, que a propaganda está, em geral, atrelada aos interesses da classe dominante; portanto, trata-se de mais um veículo de propagação da ideologia dominante. Temos aí uma inversão: quem ganha com o consumo de determinado produto ou idéia não é necessariamente o consumidor/cliente, como querem nos fazer crer, e sim, quase sempre, os donos das empresas, representantes do poder econômico.

Fazendo uma experiência...



**ATIVIDADE****Atende ao Objetivo 1**

1.a. Faça um levantamento de propagandas veiculadas pela TV que lhe pareçam ideológicas. Escolha uma delas para uma descrição e breve comentário sobre o seu conteúdo ideológico.

1.b. Qual relação você já pode estabelecer entre tal conteúdo e a nossa língua?

1.c. Qual efeito essa propaganda pode ter em nossa vida?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Podemos dizer, então, que se entende IDEOLOGIA como falsa consciência, à medida que percebemos as situações, imagens e textos com os olhos da classe dominante, sem nos apercebermos de tal fato. Repare bem: quantas vezes dizemos ou escutamos dizer que "sem trabalhar, ninguém melhora de vida"? Ou que alguém alcançou o sucesso porque, simplesmente, se esforçou? Pois é. E quantas pessoas "melhoram de vida" por meio de métodos escusos ou até mesmo ganhando na loteria, recebendo heranças? Ou, quantas pessoas trabalham duro, "se esforçam" e vivem com tantas dificuldades? Isso significa que o que ouvimos dizer não é generalizável. Mas, muitas vezes, assim o interpretamos, porque, ideologicamente, é importante que "todos" acreditem que "só com o trabalho as pessoas melhoram de vida", ou seja, que o sucesso ou o fracasso, privatizados, dependem apenas do mérito, do talento, do esforço individual, quando, ao contrário, reconhecemos que são muitas as condições adversas, que geralmente estão atreladas a questões político-econômicas. Nas palavras de Marilena Chauí:

Quando se diz que o trabalho dignifica o homem e não se analisam as condições reais de trabalho, que brutalizam, entorpecem, exploram certos homens em benefícios de uns poucos, estamos diante da idéia de trabalho e não diante da realidade histórico-social do trabalho (1980, p. 88).

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 1

2. Na Aula 2, há um trecho da reportagem intitulada "Lula e a língua do povo", de Josué Machado, publicada na revista *Educação*, em março de 2003. Lá, o autor fala sobre a forma de Lula se expressar. E como temos conteúdo ideológico nesse texto! Você é capaz de retirar do texto um exemplo disso? Não esqueça de justificar a sua escolha!

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Como dissemos, esse é o conceito de IDEOLOGIA para Karl Marx, para quem "o ideólogo é aquele que inverte as relações entre as idéias e o real. Assim, a ideologia passa a designar um sistema de idéias condenadas a desconhecer sua relação real com o real" (CHAUÍ, 1980, p. 25).

Podemos entender tal conceito como uma *visão social de mundo*, que pode ser *ideológica* quando mantém, reproduz o *status quo*, sem questionamentos, sem interrogações. Ao contrário, quando há questionamento, dúvida, quando não nos contentamos com a primeira explicação que nos dão para as coisas, estamos assumindo uma *visão social de mundo utópica* – a que transgride, subverte o estabelecido. Nesse sentido, em síntese, teríamos que as *visões sociais de mundo* são representações de valores ideais que estão em um dos dois patamares a seguir:

- *Visões sociais de mundo ideológicas*, que são as que acabam reproduzindo, mantendo a ordem estabelecida, sem questioná-la.
- *Visões sociais de mundo utópicas*, que são as que transgridem, questionam, procuram mostrar um outro lado para a ordem estabelecida, discutindo-a.

Ao pensarmos sobre visões sociais de mundo, não podemos nos esquecer de que elas estão presentes em nosso cotidiano; na forma como vemos a realidade e a entendemos; no modo como percebemos as imagens, as situações, as palavras e os textos; enfim, em todos os nossos atos, inclusive em sala de aula, quando ensinamos língua materna, quando falamos ou escrevemos um texto...

! Sobre *visões sociais de mundo*, leia o capítulo 1, da obra *Ideologia e Ciências Sociais*, de Michel Lowy. Nela, você encontrará um histórico do conceito de ideologia, chegando ao de visões sociais de mundo.

## PARA REFLETIR...

Se você gosta de filmes e tiver tempo durante o final de semana, por exemplo, tente assistir ao longa-metragem *Desejo e reparação*, que concorreu ao Oscar 2008. Você vai perceber semelhanças entre o que acabamos de discutir e o enredo dessa obra cinematográfica!

## A SALA DE AULA E O PROFESSOR

Retornemos à sala de aula, nosso espaço privilegiado de discussão.

Sabemos que a língua materna faz parte de nosso cotidiano. Afinal, é através dela que nos comunicamos com o mundo e que o constituímos "pela fala criamos no mundo estados de coisas novos" (GERALDI, p. 51). Deixemos claro, entretanto, que sua sistematização é realizada em um local apropriado – a escola. Será, realmente, este o local mais apropriado para aprendermos língua? Será que, realmente, ensinamos uma língua? E se a resposta for afirmativa, como isso se dá?

Luft, na obra *Língua e liberdade*, afirma que

Não se trata de ensinar a língua materna, que o aluno já fala ao entrar na escola; nem se pode, aliás, ensinar uma língua. O que cabe é ir aumentando a capacidade comunicativa dos alunos, trabalhar com a língua, melhorando sempre e mais e tornando mais produtivo o manejo desse instrumento (p. 33-34).

Geraldi, eminente professor da UNICAMP e autor de diversos livros a respeito do ensino de língua materna, também confirma que

Para ensinar a língua materna, não se trata de devolver ao aluno a palavra para que emergam histórias contidas e não contadas em função apenas de uma opção ideológica de compromisso com as classes populares. Devolver e aceitar a palavra do outro como constitutiva de nossas próprias palavras é uma exigência do próprio objeto de ensino. A monologia própria dos processos escolares, que reduz o mundo ao pré-enunciado por determinada classe social, é um dos obstáculos maiores interpostos pelo sistema escolar de reprodução de valores sociais à "eficiência" do próprio sistema (1996, p. 54-55).

Ora, as palavras dos autores nos fazem refletir acerca da IDEOLOGIA, do discurso do professor e da tendência educacional que este abraça. Mesmo que esse professor nem se saiba ideológico, por trás de suas práticas e discursos há uma série de idéias, valores, preconceitos – quase sempre já naturalizados – apreendidos em um percurso de formação familiar, educativa e profissional. A serviço de quem, de qual projeto político nós, como profissionais da educação, estamos trabalhando? Em geral, pouco pensamos nisso ou reconhecemos o que há de ideológico em nossa prática pedagógica...

Se a concepção de ensino desse profissional se fundamentar na mera transmissão, reduzindo a tarefa de educar à utilização de livros didáticos, gramáticas e dicionários, em cujas páginas os conteúdos estão prontos, acabados e programados; se ele acredita no monólogo docente como atributo essencial na relação ensino/aprendizagem; se minimiza o conhecimento, entendendo-o como conteúdos que precisam ser internalizados, este profissional da educação compreende o ensino e, por extensão, o ensino da língua materna de uma forma técnico-instrumental e, podemos afirmar, sua visão social de mundo é ideológica, reforçando a manutenção do ensino de língua materna da forma como ele se apresenta comumente, hoje, sem maiores alternativas transformadoras.

Para Geraldi:

O risco que se corre numa visão instrumentalista do ensino de língua é o de abandono do significado das expressões (e as cartilhas estão cheias de "textos" sem significados) ou da aprendizagem da forma das expressões com conteúdos totalmente alheios ao grupo social que, aprendendo a forma, estará preparando-se para, ultrapassado o segundo momento, definir participativamente um amplo projeto de transformação social (1996, p. 33).

Essa perspectiva não enxerga no aluno um ser humano – cidadão, com possibilidades discursivas (independentemente da utilização da assim denominada "norma culta" ou "padrão") e capacidade de entendimento das relações existentes no mundo. Por vezes, nos prendemos mais à forma (como o aluno se expressou, diante de determinado fato), do que à capacidade discursiva desse aluno (por que ele se expressou de determinada maneira em relação a determinado fato e que sentidos construiu para aquele mesmo fato). Leia a charge a seguir:



Observe atentamente a charge. Analise a capacidade discursiva dos dois personagens. A que conclusões você chegou? Você já percebeu, no seu dia-a-dia, como seus alunos, ou as crianças e adolescentes, de modo geral, são capazes de “tiradas” sensacionais? E, ao percebê-las, como você reage?

## VISÃO SOCIOINTERACIONISTA: ENSINO COMO PROCESSO

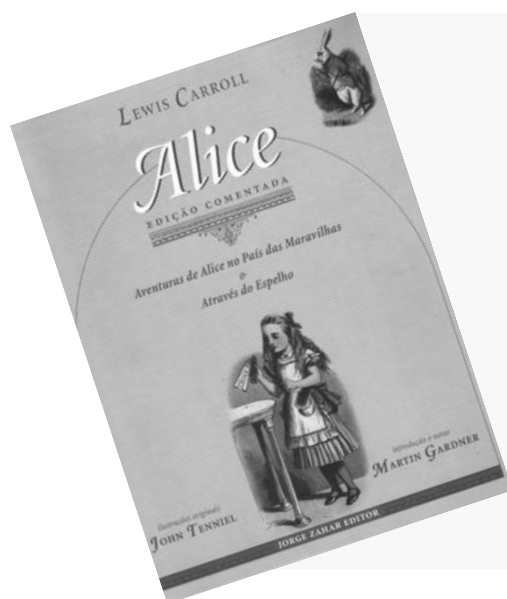
Retornando às concepções de educação e ensino, o professor pode, ao contrário, compromissar-se com uma educação para a emancipação. Nesse sentido, visualizará seu cotidiano a partir de uma

relação dialógica, em que a troca discursiva ocorre a todo momento com a turma, principalmente em sala de aula; compreenderá o conhecimento como processo, aquisições em construção; portanto, intrinsecamente relacionado ao ato da descoberta, através também da ação discursiva e das interações que ocorrem no coletivo da sala de aula. Dessa forma, em sua concepção de ensino de língua,

A dicotomia língua/fala é substituída por uma divisão tricotômica língua/discurso/fala, o conceito intermediário sendo construído como o lugar da definição da relação entre a invariabilidade da língua, cuja autonomia relativa é reconhecida, e a variabilidade da fala, cuja dependência a um discurso dado é estatuída (1996, p. 16).

Em outras palavras, esta é uma concepção sociointeracionista do ensino de língua materna, que privilegia a ação discursiva, o texto, no lugar das fragmentadas palavras e frases; que leva em conta os sentidos e significados emprestados, pelos alunos, às expressões, no momento do ato enunciativo; que pensa a língua como processo, e não como produto. Esta concepção insere-se, ainda, em uma visão social de mundo contra-ideológica ou utópica, que prevê a transformação, a busca do novo, ou de alternativas que construam outros sentidos para as ações político-pedagógicas. Um professor que trabalhe nesta perspectiva, não solicita “redações” a seus alunos, e sim “produções de texto” com sentido, que realmente sejam fruto do interesse da criança em escrever sobre aquele tema, naquele momento inicial.

Sobre isso, nos ajudará Carrol, em Alice no País das Maravilhas:



- Eu sempre digo o que penso – respondeu vivamente Alice.
  - Ou, pelo menos, penso que digo... É a mesma coisa, vocês sabem.
  - Não é a mesma coisa de modo nenhum! – disse o Chapeleiro. – Se fosse assim, “vejo o que como” seria a mesma coisa que “como o que vejo.”
  - Se fosse assim, “gosto de tudo que tenho” seria a mesma coisa que “tenho tudo que gosto” – disse a lebre de março.
  - Se fosse assim – disse, por sua vez, o Rato Silvestre, com uma voz de quem está sonhando alto – “respiro quando durmo” seria a mesma coisa que “durmo quando respiro”.
  - Para você é a mesma coisa, sim – disse o Chapeleiro.
- E a conversa morreu.

## ATIVIDADES



## Atende ao Objetivo 2

Aproveite a riqueza do texto de Carrol e relacione-o a um dos pontos apresentados a seguir, à sua escolha.

3. A língua não é produto acabado, é processo, constrói-se na interação, no fluxo da comunicação verbal.

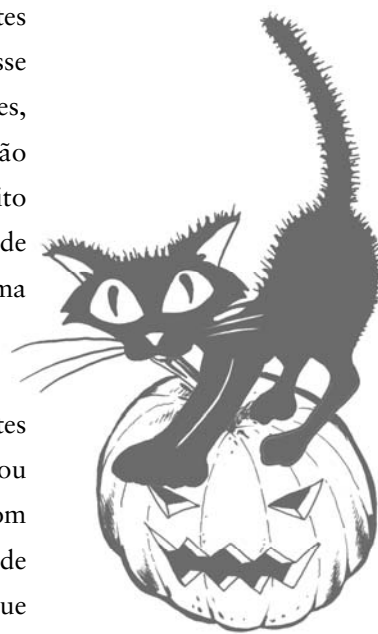
4. O ensino da língua materna de forma técnico-instrumental ou sociointeracionista dependerá das posições tomadas pelos professores. Para você, deverá ser trabalhada como processo ou produto? Justifique sua resposta.

[illegible]

As duas posições que apresentamos correspondem a diferentes visões sociais de mundo, de educação/ensino e de conhecimento. Esse emaranhado ideológico e contra-ideológico nos faz caminhar, por vezes, para abismos e caminhos totalmente desconhecidos, desde que dele não tenhamos, pelo menos, uma noção aproximada. Ou seja, se não reflito sobre por que ensino determinado conteúdo, como o faço, e a partir de quais princípios e propostas, provavelmente estarei trabalhando de forma atabalhoada, sem um norte, mesmo que provisório...

...e o gato, sobre a abóbora, se arrepia novamente!

Como já afirmamos, as visões sociais de mundo estão presentes em nosso cotidiano, quer delas tenhamos conhecimento, consciência, ou não. Principalmente a visão ideológica... E ela trabalha muito bem com a língua, enquanto forma de linguagem. O anúncio a seguir, retirado de um jornal de grande circulação do Rio de Janeiro, fundamenta o que acabamos de expor:





**Abaixo, o**  
**capitalismo.**

Forbes Brasil. A essência do capitalismo. Já nas bancas.



#### ATIVIDADE

##### Atende ao Objetivo 1

5. Lendo atentamente o anúncio, que relações você conseguiu estabelecer entre *construção da língua materna* e *ideologia*?

---

---

---

---

---



## AVALIAÇÃO FINAL

A partir das situações de ensino que apresentamos, torna-se necessário relacionar concepções de sociedade e educação, ensino, ensino de língua materna e conhecimento, para que você possa se situar em relação à sua própria ação político-pedagógica. Estabeleça essas relações, analisando sua atuação em sala de aula, ou, se for o caso, rememorando seu período de aluno, nas séries iniciais do Ensino Fundamental: Como agia sua professora? De que forma você “aprendeu” a língua materna na escola?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### RESUMO

- A língua, como processo, constrói-se na interação. Também pode ser vista como produto pronto, estruturado nas gramáticas, dicionários e sistematizado, pedagogicamente, nos livros didáticos.
- O ensino de língua materna também pode ser visualizado a partir das duas posições acima apontadas: ensino como *produto*, partindo de conteúdos gramaticais pré-definidos ou como *processo* a ser construído pelos falantes e escritores dessa língua. A cada uma dessas concepções corresponde uma visão social de mundo – *ideológica*, apreendendo o produto; *utópica*, percebendo os processos.



# Quem é cidadão no Brasil? Afinal, quem faz a História?

AULAS

# 5/6

## Meta da aula

Propor reflexões acerca da relação existente entre língua, uso da língua e cidadania.

## objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

1. compreender as relações existentes entre cidadania e uso da língua;
2. analisar a importância da língua e de sua utilização na constituição da cidadania.

## Pré-requisito

É importante que você reveja as Aulas 1 a 4.

Os temas trabalhados interagem, articulam, e é importante que você perceba essa interação.



## INTRODUÇÃO

Lembra-se do conceito de utopia como “o ainda não existente”, discutido nas aulas anteriores?...

Antes, a poesia!

Quem construiu a Tebas das sete portas?  
Nos livros constam os nomes dos reis.  
Os reis arrastaram os blocos de pedra?  
E a Babilônia tantas vezes destruída  
quem a reergueu outras tantas?  
Em que casas da Lima radiante de ouro  
moravam os construtores?  
Para onde foram os pedreiros?  
na noite em que ficou pronta a muralha da China?  
A grande Roma está cheia de arcos de triunfo  
Quem os levantou?  
Sobre quem triunfavam os césares?  
(...)  
O jovem Alexandre conquistou a Índia.  
Ele sozinho?  
César bateu os gauleses.  
Não tinha pelo menos um cozinheiro consigo?  
Felipe da Espanha chorou quando sua armada naufragou.  
Ninguém mais chorou?  
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.  
Quem venceu, além dele?  
  
Uma vitória em cada página.  
Quem cozinhava os banquetes da vitória? (...)  
(Perguntas de um operário que lê – Bertold Brecht)

Quando falamos em identidade cultural de um povo, estamos, em geral, nos referindo aos elementos de unificação que a caracterizam e da confirmação de que existem traços comuns dentro de uma nação. Podemos afirmar, ainda, que a língua constitui-se como elemento fundamental dessa identidade. Nesta aula, começamos por afirmar a *importância da língua e de seu uso na construção da cidadania*.

Podemos pensar, no entanto, que palavras como *cidadania* são utilizadas diariamente na mídia pelos governantes, pelas pessoas em geral, sem que percebamos mudança alguma no nosso cotidiano. Nos últimos anos, especialmente, o discurso da cidadania tem estado na ordem-do-dia; apareceu subjacente às mais diferentes propostas políticas. Há momentos até em que duvidamos da existência da tal democracia ou da dita cidadania, não é mesmo? Então, é uma ação de responsabilidade a nossa reflexão em torno da complexidade e da transformação semântica, simbólica e prática do que chamamos *cidadania*.

Cabe-nos, porém, como educadores que somos, perseguir utopias como essas – democracia, cidadania – para que, como *cidadãos e seres humanos*, nos sintamos recompensados por “viver e não termos vergonha de sermos felizes”... Em outras palavras, cabe a todo profissional, principalmente aquele que trabalha com a educação, pensar sobre a sociedade em que vive; sobre as contradições que o cercam; as *possibilidades de dialogar sobre essas situações* e buscar alternativas para, se não resolvê-las, pelo menos minorá-las. A luta pela educação pública e de qualidade pode ser pensada enquanto expressão de participação e cidadania, assim como a busca/construção de estratégias de trabalho que possam envolver os nossos tantos alunos com as questões para as quais estamos, muitas vezes, já pouco disponíveis, como as relativas à vida cidadã, por exemplo. E, para isso, é preciso aprender a compartilhar os encargos da vida comum. Já dizia nosso sempre mestre Paulo Freire que

ao reconhecer que, precisamente porque nos tornamos seres capazes de observar, de comparar, de avaliar, de escolher, de decidir, de intervir, de romper, de optar, nos fizemos seres éticos e se abriu para nós a probabilidade de transgredir a ética, jamais poderia aceitar a transgressão como um direito mas como uma possibilidade. (...) Não junto a minha voz a dos que, falando em paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação. Minha voz tem outra semântica, tem outra música. (...) Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura (FREIRE, 1997, p. 111-115).

Bem, retornando ao ponto em que começamos a divagar – o que seria a vida e o estudo, se não fossem os momentos em que divagamos, em que pensamos?...

## O QUE SERÁ MESMO CIDADANIA?

Para iniciar esta conversa, é bom lembrarmos que, já na Grécia Antiga, cidadãos eram todos os homens livres, capazes de decidir os destinos do povo, de votar em praça pública. Desse grupo, porém, estavam *excluídas* as mulheres, as crianças e os escravos... Atenas, responsável pelo pioneirismo do sistema de participação política, revela-se também como berço da dissociação entre os trabalhos intelectual e físico, o saber e o fazer. Oportuno é, portanto, lembrarmos Platão que, em *A República*, reconhecendo as diferenças naturais entre os homens, vem justificar o papel reservado ao escravo, na medida em que cada um deveria estar no lugar em que melhor expresse sua habilidade, da mesma forma que aos cidadãos são reservados as funções e atividades políticas. Neste sentido, Aristóteles não pensou diferente, defendendo e difundindo a idéia de que "nos Estados mais bem governados, a nenhum cidadão poderia ser permitido o exercício de atividades manuais, porque isso o impediria de dedicar mais tempo à sua obrigação para com o Estado" (CARMO, 1993, p. 19).

### T.H. MARSHALL

Escreveu o livro *Cidadania, classes sociais e status*, obra clássica nos debates sobre o conceito de cidadania.

Na perspectiva de **T. H. MARSHALL**, a cidadania foi sempre uma luta histórica pela conquista de direitos. Primeiramente, os civis; depois, os políticos e, por último, os sociais. Direitos? Todos os buscamos. Mas consistirá a cidadania na conquista de direitos?

Para Pedro Demo (1995), cidadania é "... assim, a raiz dos direitos humanos, (...) competência humana de fazer-se sujeito, para fazer história própria, coletivamente organizada" (p. 3).

Debrucemo-nos sobre este conceito, a fim de perceber sua profundidade. Ao afirmar que cidadania está na "raiz dos direitos humanos", o autor evidencia a importância de *ser cidadão*. Afinal, *estar na raiz* é fundar, erigir: esse, o papel da cidadania – construir os direitos humanos, em sociedades complexas como as em que vivemos hoje. Complementarmente, quando Demo afirma que ser cidadão é "fazer-se sujeito, para fazer história própria", está, na realidade, fazendo-nos refletir sobre a importância da ação, da participação humana em todas as situações da vida. Está, ainda, evidenciando que, para nos "fazermos

sujeitos", precisamos fazer "história própria"... mas será que TODOS conseguem isso?

Leia, com atenção, o texto a seguir:

Os nomes da criança

(Cristóvam Buarque)

(O Globo, 25/9/2000)



Para um habitante de cidade brasileira, todas as árvores de uma floresta são apenas mato, sem distinção entre elas. Os habitantes do deserto, ao contrário, têm nomes diferentes para se referir à areia. Da mesma forma, os esquimós têm diversos nomes para indicar aquilo que, para nós, é apenas neve.

Cada povo desenvolve sua cultura, com palavras distintas, para diferenciar as sutilezas do seu ao redor, como forma de sobreviver mais facilmente e usufruir esteticamente. A riqueza de uma cultura se mede pelo número de palavras usadas para definir o meio ao redor. Quanto mais palavras distinguindo as coisas, em detalhes imperceptíveis para os demais, mais rica é a cultura.

Os brasileiros urbanos também desenvolveram, em sua cultura, nomes diferentes para dizer o que entre outros povos teria um nome apenas: criança.

Em suas cidades os brasileiros do começo do século XXI têm muitas maneiras para dizer criança com sutis diferenças manifestadas em cada palavra. É a riqueza cultural, manifesta num rico vocabulário, que mostra a degradação moral de uma sociedade que trata suas crianças como se não fossem apenas crianças. O português falado no Brasil é certamente o mais rico e o mais imoral dos idiomas do mundo atual, no que se refere à definição de criança.

Menino-na-rua significa aquele que fica na rua em lugar de estar na escola, em casa, brincando ou estudando, mas que, à noite, em geral, tem uma casa para onde ir. Ao vê-lo, um habitante de uma das nossas cidades grandes faz logo a diferença com as demais crianças que ali estão apenas passeando. Diferencia até, sutilmente, dos meninos-de-rua – aqueles que não apenas estão na rua, moram nela, sem uma casa para onde voltar.

Flanelinha é aquele que, nos estacionamentos ou nas esquinas, dribla os carros dos ricos com um frasco de água numa mão e um pedaço de pano noutra, na tarefa de convencer o motorista a dar-lhe uma esmola em troca de uma rápida limpeza no pára-brisa do veículo. É diferente do esquineiro que, no lugar de oferecer o serviço de limpeza, pede esmolas apenas. Ou do menino-de-água-na-boca, pobre criança que carrega pequenas caixas de chocolates, tentando vendê-los, sem direito a sentir o gosto do que carrega para os outros e existe aos milhares no Brasil.

Prostituta-infantil já seria um genérico maldito para uma cultura que sentisse vergonha da realidade que retrata. Como se não bastasse, ela tem suas sutis diferenças. Pode ser bezerrinha, ninfeta-de-praia, menina-da-noite, menino ou menina-de-programa ou michê, conforme o local onde faz ponto e o gosto sexual do freguês que atende. E existe – vergonha das vergonhas – a expressão menina-paraguai para indicar criança que se prostitui por apenas R\$ 1,99, o mesmo preço das bugigangas que a globalização trouxe em contrabandos, quase sempre, daquele país. Ou menina-boneca, de tão jovem quando começa a se prostituir, ou porque seu primeiro pagamento sirva para comprar a boneca que nunca ganhou de presente.

Delinqüente, infrator, avião, pivete, trombadinha, menor, pixote. Sete nomes para o conjunto das relações de nossas crianças com o crime. Cada qual com sua maldita sutileza, de acordo com o artigo do Código Penal em que é enquadrado, com a maneira de abordar suas vítimas ou com o crime ao qual se dedica.

Pode também, no lugar de criança, ser *boy*, engraxate, menino-do-lixo, reciclador-infantil, conforme o trabalho que faz.

Ainda tem filho-da-safra, para indicar criança deixada para trás por pais que emigram todos os anos em busca do trabalho, nos lugares onde há emprego para bóias-frias. Nome que indica, também, a riqueza cultural do sutil vocabulário da maldita realidade social brasileira. Ainda o pagão-civil, que vive sem o registro que lhe indique a cidadania de sua curta passagem pelo mundo. Em um país que lhe nega, não só o nome de criança, mas também a existência legal.



Como resumo de todos estes tristes verbetes, há também criança-triste, como um verbeito adicional. Não pela tristeza de um brinquedo quebrado, de uma palmada ou reprimenda recebida, nem da perda de um ente querido. No Brasil há um tipo de criança que não apenas fica ou está triste; criança que nasce e vive triste. Cujo primeiro choro mais parece um lamento do futuro que ainda não prevê do que a inspiração do ar em que vai viver, que por primeira vez recebe em seus diminutos pulmões.

Criança-triste como substantivo e não adjetivo, como estado permanente de vida – esta talvez seja a maior das vergonhas no vocabulário da realidade social brasileira. Tal e qual a maior vergonha da realidade política está na falta de tristeza nos corações de nossas autoridades diante da tristeza das crianças brasileiras, com as sutis diversidades de suas posições sociais, refletidas no vocabulário que indica os nomes da criança.

A sociedade brasileira, em sua maldita apartação, foi obrigada a criar palavras que distinguem cada criança conforme sua classe, sua função e sua casta. A cultura brasileira, medida pela riqueza de seu vocabulário, enriqueceu perversamente ao aumentar a quantidade de palavras que indicam criança. Um dia, esta cultura vai se enriquecer, criando nomes para os presidentes, governadores, prefeitos, políticos em geral que não sofrem, não ficam tristes, não percebem a vergonhosa tragédia de nosso vocabulário, nem ao menos se lembram das crianças-tristes do Brasil.

Quem sabe será preciso que um dia chegue ao Governo uma das crianças-tristes de hoje, para que o Brasil faça arcaicas as palavras que hoje enriquecem o triste vocabulário brasileiro, construindo um dicionário onde criança seja apenas criança, sem nomes diferentes como para o poeta, uma rosa é uma rosa.

Analisando o texto, podemos inferir que os “nomes” da criança não lhe imputam a condição cidadã. Em outras palavras, eles excluem a cidadania, na medida em que tornam invisíveis aquelas que são tudo, menos crianças... Essa forma de exclusão, que se estende ao próprio direito à cidadania, fica ainda mais evidente no texto de Luiz Eduardo Soares, retirado do livro *Meu casaco de general*. Vamos ler:

(...) O tráfico seduz a garotada oferecendo-lhe *recursos simbólicos compensatórios de sua invisibilidade social*. O principal deles é a arma. Quando um menino pobre e negro passa por nós, nas calçadas, nem sequer o notamos. Se nos pede ajuda, muitas vezes recebe expressões de enfado, indiferença ou até repugnância. Sua experiência pública mais marcante é a da invisibilidade. É como se ele não tivesse corpo, presença, *opacidade social*, é como se não tivesse valor e não ocupasse lugar no espaço. Nossa indiferença ou nosso gesto de desconforto, ou mesmo de nojo, é carregado de sentido e transmite ao menino a mensagem mais violenta que lhe poderia ser enviada: ele não é nada, não vale nada, não merece ocupar um minuto da atenção e da preocupação das pessoas que passam, cada qual fixada em sua própria vida e seus interesses. O menino e a menina pobres que vagam nas ruas, em busca de algo que nem eles sabem muito bem o que seja (talvez porque nunca tenham tido), morrem todo dia um pouco, vítimas dos pequenos assassinatos simbólicos cotidianos de que somos cúmplices. Todos nós, afinal, temos mais o que fazer. A garotada pobre, muitas vezes sem apoio familiar forte e permanente e quase sempre desprovida do sentimento de pertencimento a uma sociedade que lhe dá lugar, reconhecimento, afeto, perspectivas de futuro e sonhos nos quais possa engatar seus desejos e seu imaginário, colherá nas ruas sua ração diária de invisibilidade. Sobre que base erguer a auto-estima, então?

A solução que improvisam, mais os meninos do que as meninas, é a construção pelo avesso de si próprios, apoiando a auto-estima, o sentimento positivo do próprio valor, no reconhecimento negativo que obtêm dos outros quando lhes provocam medo. É só pelo medo que essa garotada perdida, sem rumo e sem esperança, anulada pela indiferença generalizada, consegue a migalha reconfortante de nossa atenção. Através da imposição do medo, os meninos tornam-se *visíveis, ganham corpo e opacidade social*, ou, como talvez dissessem os filósofos: "densidade ontológica". Os mais perversamente afortunados ganham nome e chegam a conquistar notoriedade, que será, entretanto, tão fugaz quanto suas vidas de glórias degeneradas. Lançam-se à morte para alcançar pelo mal o que o bem lhes negou: um fiapo de humanidade. A arma será o principal instrumento dessa construção invertida de si; será a carteira de identidade na qual os rejeitados e excluídos encontrarão a única descrição verossímil de si próprios. A arma será o espelho possível.

(grifos nossos)

Lendo esse texto e pensando no conceito de cidadania elaborado por Pedro Demo, somos levados a pensar, como no texto anterior: o "fazer-se sujeito para fazer história própria" é uma prerrogativa de todos? Ao falar de "invisibilidade social", Luiz Eduardo Soares mostra que nem toda história parte dos mesmos direitos. Afinal, se para adquirir opacidade social é necessário ter uma arma na mão e despertar o medo no outro, o lugar ocupado por cada um deixa de ser uma garantia, um direito, e passa a se constituir, muitas vezes, numa utopia.

Estar na sociedade, então, é, para alguns, um sonho ou o desejo de deixar de ser um "pagão civil", um notório nome na história dos excluídos, um indivíduo incorpóreo cujo único espelho possível é o medo – o que sente e o que provoca.

Agora, é a sua vez de fazer um exercício de reflexão. Leia atentamente o texto de Eduardo Galeano, a seguir, e tente responder: em que sentido ele se relaciona com os textos que você acabou de ler: "Os nomes da criança" e o fragmento de *Meu casaco de general*.

Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada.

Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida (...)

Que não são, embora sejam.

Que não falam idiomas, falam dialetos.

Que não praticam religiões, praticam superstições.

Que não fazem arte, fazem artesanato.

Que não são seres humanos, são recursos humanos.

Que não têm cultura, têm folclore.

Que não têm cara, têm braços.

Que não têm nome, têm número.

Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.

Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata  
(GALEANO, 1991, p. 71).

## ATIVIDADE



### Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Em que medida podemos relacionar “Os ninguéns” a toda esta discussão sobre a cidadania? E, ainda, que relações você pode estabelecer a partir do verso “que não falam idiomas, falam dialetos”?

---

---

---

---

---

---

---

---

A esta altura, você deve estar se perguntando: E a língua ? Onde entrará neste debate? Devolvemos-lhe a pergunta: Se, até o momento, procuramos mostrar as relações existentes entre uso da língua e macroconceitos – Poder, ideologia, identidade cultural, cidadania –, onde a língua entra nesse debate?

A literatura sempre vem nos ajudando nessas situações. Será que ocorrerá o mesmo com mais este exemplo, desta vez oriundo do Nobel de Literatura de 1999, José Saramago?

Estamos nos referindo à obra *A jangada de pedra*, que narra o descolamento de Portugal e Espanha do restante da Europa e seu conseqüente deslocamento pelo Atlântico. Parece narrativa fantástica? Talvez o seja. Talvez não. Por trás desse deslocamento da Península Ibérica há uma interpretação que pode ser feita, relacionando os países ibéricos à sua “insignificância socioeconômica” no continente *versus* a pujança das demais nações européias. No início, essas nações até respiraram, “aliviadas” daquele incômodo fardo. Mas depois... O que aconteceu?

Foi portanto uma dessas inconformes e desassossegadas pessoas que pela primeira vez ousou escrever as palavras escandalosas, sinal duma perversão evidente, *Nous aussi, nous sommes ibériques*, escreveu-as num recanto de parede, a medo, como quem, não podendo ainda proclamar o seu desejo, não agüenta mais escondê-lo. Por ter sido, como se pode ler, na língua francesa, julgar-se-á que foi em França, é caso para dizer, *Pense cada um o*

que quisesse, também podia ter sido na Bélgica ou no Luxemburgo. Esta declaração inauguradora alastrou rapidamente, apareceu nas fachadas dos grandes edifícios, nos frontões, no asfalto das ruas, nos corredores do metropolitano, nas pontes e viadutos, os europeus fiéis conservadores protestavam, Estes anarquistas são doidos, é sempre assim, leva-se tudo à conta de anarquismo.

Mas a frase saltou as fronteiras, e depois de as ter saltado verificou-se que afinal já aparecera também nos outros países, em alemão *Auch wir sind Iberisch*, em inglês, *We are iberians too*, em italiano *Anche noi siamo iberici*, e de repente foi como um rastilho, ardia por toda a parte em letras vermelhas, pretas, azuis, verdes, amarelas, violetas, um fogo que parecia inextinguível, em neerlandês e flamengo *Wij zijn ook Iberiërs*, em sueco *Vi också är iberiska*, em finlandês *Me myöskin olemme iberialaisia*, em norueguês *Vi også er iberer*, em dinamarquês *Også vi er iberiske*, em grego *Eimaste iberoi ki emeís*, em frísio *Ek Wv Binne Iberiërs*, e também, embora com irreconhecível timidez, em polaco *My też jeste'smy iberyjczykami*, em búlgaro *Nie sachto sme iberiytzi*, em húngaro *Mi is iberek vagyunk*, em russo *Mi toje iberitsi*, em romeno *Si noi sîntem iberici*, em eslovaco *Ai my sme ibercamia*. Mas o cúmulo, o auge, o acme, palavra rara que não voltaremos a usar, foi quando nos muros do Vaticano, pelas veneráveis paredes e colunas da basílica, no soko da Pietá de Michelangelo, na cúpula, em enormes letras azul-celestes no chão da Praça de São Pedro, a mesmíssima frase apareceu em latim, *Nos, quoque iberi summes...*

(SARAMAGO, 1986, p. 163).

Uma rápida análise desta maravilhosa obra (você precisa lê-la!), a partir do trecho destacado, nos leva a pensar, mais uma vez, em questão que já enunciamos, e que iremos aprofundar em aulas posteriores: a identidade cultural. Saramago consegue estabelecer a cidadania participativa através de uma identidade cultural européia, que desabrocha através do uso da língua, melhor dizendo, das línguas nacionais. Ou seja, a diversidade lingüística construindo a identidade e a cidadania do Velho Mundo...

Você pode pensar: Mas onde se encontra a cidadania? Bem, se voltarmos ao conceito que Demo nos apresentou, verificaremos que cada um daqueles personagens que, sem ser visto, fincava nas pedras ou cimento das ruas, muros e paredes a frase “Nós também somos ibéricos” estava “fazendo história própria” e “coletiva”, não sabemos se “organizada”... Talvez o fosse. De qualquer forma, o deslocamento da

Península Ibérica para o Atlântico fomentou naquelas pessoas o sentimento de pertencimento à Europa, facultando-lhes atos como o que acabamos de ler. Pena que é só ficção, não é mesmo?

Continuando nossas reflexões acerca da cidadania (e do uso da língua), você conhece a letra da música *Cidadão*, interpretada por Zé Geraldo? Leia-a e, depois, retorne à nossa conversa...

Tá vendo aquele colégio, moço?

Eu também trabaiei lá.

Lá eu quase me arrebento

Pus a massa, fiz cimento

Ajudei a rebocar

Minha fia inocente

Vem pra mim toda contente

Pai, vou me matriculá

Mas me diz um cidadão

“Criança de pé no chão

Aqui não pode estudar”...

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 2

2. Na estrofe que destacamos, temos o operário, que ajuda a construir a escola; o cidadão, provavelmente dono da instituição escolar, e a filha do operários que, ao ver o prédio novo, quer também lá estudar. Analisando a situação, responda-nos: Serão todos eles cidadãos? O que os caracteriza com tal?

---

---

---

---

---

---

Porém, há um cidadão que diz : "criança de pé no chão/aqui não pode estudar"... Que cidadão será esse, que *exclui* os demais cidadãos/ seres humanos de bens culturais essenciais à sua constituição enquanto tal? A língua fere, neste momento... agride sim, mas expõe também, com todas as letras, a realidade em que vivemos. Chico Buarque, em sua *Construção*, também pode nos ajudar:

(...) Subiu a construção como se fosse máquina.  
 Ergueu no patamar quatro paredes sólidas.  
 Tijolo com tijolo num desenho mágico  
 Seus olhos embotados de cimento e lágrima  
 Sentou pra descansar como se fosse Sábado  
 Comeu feijão com arroz como se fosse príncipe  
 Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago  
 Dançou e gargalhou como se ouvisse música.

Verificamos, assim, que ser cidadão não é apenas conhecer direitos e exercê-los. É igualmente conhecer deveres, cumpri-los, juntamente com a busca de direitos nem sempre adquiridos. Há direitos que precisam ser conquistados, passo a passo, e para isso a *cidadania deve ser participativa*. E a "língua nossa de cada dia" é um forte elemento de constituição dessa cidadania... Já preconizava nosso grande poeta modernista Oswald de Andrade:

Para milho  
 Dizem mio  
 Para melhor, mió  
 Para pior, pió  
 Para telhado, teiado  
 E vão construindo telhados...

Que melhor exemplo teríamos para a constituição do cidadão que trabalha e usa sua própria língua como elemento de comunicação e expressão dessa sua "construção", inclusive dos "telhados"?

No entanto, nem sempre as pessoas "usam" da língua para se constituírem como cidadãos. Aproveitando o momento desta reflexão, assista ao longa metragem *Vidas secas*, de Nelson Pereira dos Santos. O filme é magistral na reflexão, no debate que estamos travando sobre *cidadania e uso da língua*.

Após assistir ao filme, leia os trechos seguintes, extraídos do livro *Vidas secas*, de Graciliano Ramos:

Na palma da mão as notas estavam úmidas de suor. Desejava saber o tamanho da extorsão. Da última vez que fizera contas com o amo o prejuízo parecia menor. Alarmou-se. Ouvira falar em juros e em prazos. Isto lhe dera uma impressão bastante penosa: sempre que os homens sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele saía logrado. Sobressaltava-se escutando-as. Evidentemente só serviam para encobrir ladroeiras. Mas eram bonitas. Às vezes decorava algumas e empregava-as fora de propósito. Depois esquecia-as. Para que um pobre da laia dele usar conversa de gente rica? Sinhá Terta é que tinha uma ponta de língua terrível. Era: falava quase tão bem como as pessoas da cidade. Se ele soubesse falar como sinhá Terta, procuraria serviço noutra fazenda, haveria de arranjar-se. Não sabia. Nas horas de aperto dava para gaguejar, embaraçava-se como um menino, coçava os cotovelos, aperreado. Por isso esfolavam-no. Safados. Tomar as coisas de um infeliz que não tinha onde cair morto! Não viam que isso não estava certo? Que iam ganhar com semelhante procedimento? (RAMOS, 1985, p. 95).

Quando iam pegando no sono, arrepiavam-se, tinham precisão de virar-se, chegavam-se à trempe e ouviam a conversa dos pais. Não era propriamente conversa, eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: iam exibindo as imagens que lhes vinham ao espírito, e as imagens sucediam-se, deformavam-se, não havia meio de dominá-las. Como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto (RAMOS, 1985, p. 63-64).

O primeiro trecho que transcrevemos refere-se à raiva surda de Fabiano ao sentir-se ludibriado, mais uma vez, pelas contas do patrão. Repare como o autor "trabalha" com a relação *uso da língua e ausência de cidadania* – "juros e prazos", "palavras difíceis", "sobressaltava-se escutando-as" ... "para que um pobre da laia dele usar conversa de gente rica?"

Já o segundo trecho trata das "conversas" da família de Fabiano: diálogo inexistente, conversas fragmentadas pelas palavras não pronunciadas, pelos gestos e sons que as representam... Em suma, "como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto". Novo exemplo, acreditamos, de *uso (?) da língua e ausência de cidadania*...



Foram muitos exemplos apresentados! No entanto, certamente eles lhe darão uma dimensão mais completa do que podemos pensar sobre o uso da língua e a constituição da cidadania.

## ATIVIDADES FINAIS

### Atende ao Objetivo 2

a. Leia os textos “O operário em construção”, de Vinícius de Moraes, e “João, Francisco, Antônio”, de Cecília Meireles, disponíveis no anexo a esta aula (CLAUDIA). Estabeleça um paralelo entre eles, levando em conta:

1. A concepção de exclusão que cada um aborda.
2. As relações dessas abordagens com o conceito de cidadania visto por você nesta aula.
3. Como parecem se sentir o construtor, no poema “Cidadão”, de Zé Geraldo; o operário, no poema de Vinícius e o trabalhador, na música de Chico Buarque?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

b. Eis um trecho da obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Leia-o atentamente:

Você se lembra das aulas de Literatura e de Lima Barreto, um de nossos grandes escritores modernos?

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma – usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênica para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática.

Demais, Senhores Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas a que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação dos povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores de organização filosófica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estereis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal – controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica.

Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cõscio de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade.

P. E. Deferimento.

A partir do trecho lido, comente a “ação cidadã” de Policarpo Quaresma em relação às questões que envolvem a língua nacional.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

c. Para estas aulas, você assistiu a *Vidas secas*. Leu, também, trechos da obra em que o cineasta Nelson Pereira dos Santos se inspirou para escrever o roteiro do filme.

Realize, então, as seguintes tarefas:

1. Compare a atitude de Fabiano, em *Vidas secas*, com a do major Policarpo Quaresma, no trecho lido, em relação ao conceito de cidadania que foi trabalhado nestas aulas.

2. Os dois personagens – Fabiano e Policarpo Quaresma – refletem sobre a língua. Estabeleça comparações entre as duas reflexões apresentadas.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## RESUMO

- A cidadania constitui-se na ação, preferencialmente organizada e coletiva, de sujeitos que se tornam históricos nesse processo. Nesse sentido, é preciso conquistar essas possibilidades – a de organização coletiva; e de nos tornarmos sujeitos históricos, porque interferimos nas situações sociais. Os textos que lemos, de certa forma apontam para esta ação.
- A língua materna, em seu uso constitui-se, também, como elemento de construção da cidadania. Em outras palavras, dependendo de como eu me apresento verbalmente – por meio da linguagem que utilizo – eu me constituo como cidadão.

## INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

A próxima aula vai levar até você uma outra discussão muito interessante em relação à língua. Vamos pensar um pouco sobre as relações que se estabelecem entre língua e identidade cultural. Afinal, a língua faz parte da cultura de um povo!

## Língua e identidade cultural

### Meta da aula

Apresentar as relações existentes entre sociedade, cultura e construção lingüística, bem como sobre identidade, nessa proposição.

## objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

1. compreender as relações existentes entre sociedade, cultura e construção lingüística;
2. reconhecer a importância da língua na construção da identidade de uma nação.

### Pré-requisito

É importante que você reveja todas as aulas apresentadas até este momento.

De certa maneira, elas lhe darão subsídios para melhor compreender as reflexões que se seguem.



## INTRODUÇÃO

Podemos dizer que *identidade cultural* é a unificação e confirmação de traços comuns existentes dentro de uma nação. Porém, antes de falarmos sobre isso, leia o texto que se segue:

### O segundo verso da canção

Affonso Romano de Sant'Anna

Passar cinqüenta anos sem poder falar sua língua com alguém é um exílio agudo dentro do silêncio.

Pois há cinqüenta anos, Jensen, um dinamarquês, vivia ali nos pampas argentinos. Ali chegara bem jovem, e desde então nunca mais teve com quem falar dinamarquês.

Claro que, no princípio, lhe mandavam revistas e jornais. Mas ninguém manda com assiduidade revistas e jornais para alguém durante cinqüenta anos. Por causa disto, ali estava Jensen há inúmeros anos lendo e relendo o som silencioso e antigo de sua pátria. E como as folhas não falavam, punha-se a ler em voz alta, fingindo ouvir na própria voz a voz do outro, como se um bebê pudesse em solidão cantar para inventar a voz materna.

Cinqüenta anos olhando as planuras dos pampas, acostumado já às carnes generosas dos churrascos conversados em espanhol, longe, muito longe dos *smorgasboard* natal.

Um dia, um viajante de carro parou naquele lugarejo. Seu carro precisava de outros reparos além da gasolina. Conversa-vai-conversa-vem, no posto ficam sabendo que seu nome também era Jensen. Não só Jensen, mas um dinamarquês. E alguém lhe diz: aqui também temos um dinamarquês que se chama Jensen e aquele é o seu filho. O filho se aproxima e logo se interessa para levar o novo Jensen dinamarquês ao velho Jensen dinamarquês – pois não é todos os dias que dois dinamarqueses chamados Jensen se encontram nos pampas argentinos.

No caminho, o filho ia indagando sobre a Dinamarca, que seu pai dizia ser a terra prometida, onde as vacas davam cem litros de leite por dia. Na casa, há cinqüenta anos sem falar dinamarquês, estava o velho Jensen, ainda cercado de fotos, alguns objetos e uma abstrata lembrança de sua língua. Quando Jensen entrou na casa de Jensen e disse “bom dia” em dinamarquês, o rosto do outro Jensen saiu da neblina e ondudou alegrias.

“É um compatriota!” E a uma palavra seguiram outras, todas em dinamarquês, e as frases corriam em dinamarquês, e o riso dinamarquês e a camaradagem dinamarquesa, tudo era um ritual desenterrando ao som da língua a sonoridade mítica da alma *viking*.

Jensen mandou preparar um jantar para Jensen. Vestiu-se da melhor roupa e assim os seus criados. Escolheu a melhor carne. E o jantar seguia em risos e alegrias iluminando cinquenta anos para trás. Jensen ouvia de Jensen sobre muitos conhecidos que morreram sem sua autorização, cidades que se modificaram sem seu consentimento, governos que vieram sem o seu beneplácito. Em poucas horas, povoou sua mente de nomes de artistas, rostos de vizinhos, parques e canções. Tudo ia se descongelando no tempo ao som daquela língua familiar.

Mas havia um problema exatamente neste tópico das canções. Por isto, terminada a festa, depois dos vinhos e piadas, quando vem à alma a exilada vontade de cantar, Jensen chama Jensen num canto, como se fosse revelar algo grave e inadiável:

– Há cerca de cinquenta anos que estou tentando cantar uma canção e não consigo. Falta-me o segundo verso. Por favor (disse como se pedisse seu mais agudo socorro, como se implorasse: retira-me da borda do abismo), por favor, como era mesmo o segundo verso desta canção?

Sem o segundo verso nenhuma canção ou vida se completa. Sem o segundo verso a vida de um homem, dentro e fora dos pampas, é como uma escada onde falta um degrau, e o homem pára. É um piano onde falta uma tecla. É uma boca de incompleta dentição.

Se falta o segundo verso, é como se na linha de montagem faltasse uma peça e não houvesse produção. De repente, é como se faltasse ao engenheiro a pedra fundamental e se inviabilizasse toda a construção. Isto sabe muito bem quem andou cinquenta anos na ausência desse verso para cantar a canção.

Jensen olhou Jensen e disse pausadamente o segundo verso faltante. E ao ouvi-lo, Jensen – o exilado – cantou de volta o poema inteiro preenchendo sonoramente cinquenta anos de solidão. Ao terminar, assentou-se num canto e batia os punhos sobre o joelho dizendo: “Que alegria! Que alegria!”

Era agora um homem inteiro. Tinha, enfim, nos lábios toda a canção.

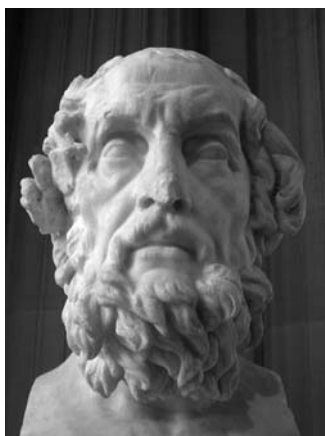
Se perguntarmos a você sobre o que trata o texto lido, o que você nos dirá? Na verdade, há várias respostas para essa questão. Uma delas é que, apesar de falar sobre Jensen, o texto não está de fato comprometido em contar sua história. A história que esse texto nos conta está voltada para uma preocupação que deve fazer parte dos valores de cada cidadão: *a identidade cultural*.

O que é isso? No texto, lemos que “passar cinquenta anos sem poder falar sua língua com alguém é um exílio agudo dentro do silêncio” e, ainda, que “por causa disto ali estava Jensen há inúmeros anos lendo e relendo o som silencioso e antigo de sua pátria.”

O que buscava Jensen? Nada além de preservar sua identidade cultural, aquela que o assinala também como usuário de uma determinada língua que, por sua vez, possui seu patrimônio, seu acervo, sua herança – a língua escrita. E sua criatividade, espontaneidade, natureza mais livre e solta – a língua oral, preservada através da poesia, de canções provavelmente como esta, que Jensen não conseguia mais cantar...



Camões



Homero

### VALE A PENA CONHECER UM POUCO DE HISTÓRIA...

Você já deve ter ouvido falar da *Odisséia*, ou da *Ilíada*, de Homero, ou ainda de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. Que elementos essas obras épicas têm em comum com a história que acabamos de ler? E com as reflexões que estamos encaminhando?

A história de uma dessas obras leva-nos a compreender a enorme importância da língua como traço de união. E, obviamente, vamos escolher aquela que mais se aproxima de nossa identidade cultural... É sobre Os Lusíadas que queremos falar. Essa obra épica foi escrita por Luís de Camões no final do século XVI e publicada em 1572, quando o autor ainda vivia. Oito anos depois, como consequência do desaparecimento do rei português D. Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir, Portugal, sem um herdeiro que pudesse assumir o trono, passa para o domínio espanhol, sob o governo de Filipe II. O domínio filipino durou sessenta anos – de 1580 a 1640 – e marcou profundamente a História de Portugal. Na época, esse país era uma grande potência ultramarina, pois foi o primeiro a realizar as grandes navegações.



Obra épica é aquela que conta a história de um determinado grupo a partir da figura de um herói. Em *Os Lusíadas*, o herói escolhido é o navegador Vasco da Gama.

Durante os anos de domínio espanhol, a obra de Camões – a primeira escrita em língua portuguesa pura, já que, até então, todas as obras eram escritas em galego-português – virou literatura de resistência. Isso significa que, diante da perda da independência política, o povo português resistiu à perda da independência cultural agarrando-se a um patrimônio representado por uma obra que não apenas lhe assegurava a identidade lingüística como também contava heroicamente sua História.

### QUEM DISSE QUE CULTURA E CIDADANIA SÃO ASSUNTOS DISTINTOS?

Um dos reis portugueses mais cultuados é D. Dinis que, além de monarca, era poeta. Quando mandou aterrar um pântano improdutivo para que ali se plantassem pinheiros, D. Dinis nem imaginava que seu ato político era também semente de poesia. Assim Fernando Pessoa apresenta-nos esse rei em seu poema “Mensagem”:

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo  
 O plantador de naus a haver,  
 E ouve um silêncio múrmuro consigo:  
 É o rumor dos pinhais que, como um trigo  
 De Império, ondulam sem se poder ver.  
 Arroio, esse cantar, jovem e puro,  
 Busca o oceano por achar;  
 E a fala dos pinhais, marulho obscuro,  
 É o som presente desse mar futuro,  
 É a voz da terra ansiando pelo mar.

Fernando Pessoa chama D. Dinis de “plantador de naus a haver”, porque os pinheiros que ele mandara plantar transformaram-se na matéria-prima das embarcações que deram a Portugal a primazia

das grandes navegações. Essa primazia refletiu-se em toda a cultura portuguesa, pois o país passou a buscar, inclusive em sua literatura, um ponto de apoio para a manutenção da idéia de que era um povo assinalado para a glória. Repare como a segunda estrofe do poema aponta para esta nossa interpretação:

É o som presente desse mar futuro,  
É a voz da terra ansiando pelo mar.

Percebemos, assim, a importância da língua – inclusive como arte – na constituição da identidade cultural de uma nação. Neste caso específico, uma nação que faz parte – também – da nossa própria identidade...

A literatura representa o registro do patrimônio lingüístico de um povo e, nesse sentido, a língua, como matéria-prima desse registro, torna-se um elemento de unificação. Por tal razão, a consciência da importância de preservarmos nossa identidade cultural é o primeiro passo para preservarmos a própria cidadania. A língua, como elemento unificador, como espelho de uma cultura – assim como, no texto, um Jensen torna-se espelho do outro Jensen, – deve exercer um papel inclusivo, de modo que a cultura por ela refletida e representada possa registrar todas as nuances da nação a que pertence.

Quando Jensen entrou na casa de Jensen e disse “bom dia” em dinamarquês, o rosto do outro Jensen saiu da neblina e ondulou alegrias. “É um compatriota!” E a uma palavra seguiram outras, todas em dinamarquês, e as frases corriam em dinamarquês, e o riso dinamarquês e a camaradagem dinamarquesa, tudo era um ritual desenterrando ao som da língua a sonoridade mítica da alma *viking*.

Veja que belas imagens Affonso Romano de Sant’Anna constrói, no trecho acima, com relação à língua e à cidadania! Reparem como a expressão “É um compatriota!”, à qual seguem-se outras, reflete bem essa construção. As frases, o riso, a camaradagem, tudo “era um ritual desenterrando ao som da língua a sonoridade mítica da alma *viking*”...

Em outras palavras, é a língua, sua sonoridade, sua estrutura, sua elocução, que constituem o sentido histórico e político de uma nação. Sua identidade e a identidade de um povo – seus cidadãos...

Jensen ouvia de Jensen sobre muitos conhecidos que morreram sem sua autorização, cidades que se modificaram sem seu consentimento, governos que vieram sem o seu beneplácito.

Ora, podemos pensar, que idéia a do autor! Onde já se viu pessoas morrerem com o consentimento de outras, ou cidades e governos se edificarem por vontade de cada pessoa!... Reflitamos melhor: novamente, estamos diante de belíssimas imagens político-literárias (!!!), que nos encaminham a pensar sobre cidadania... Mas esta é uma conversa para outras aulas, outra disciplina...

Assim sendo, compreender a relevância do estudo da língua como forma de erradicar a exclusão, tantas vezes facilitada por ela própria é, hoje, para todos, uma necessidade. Principalmente para aqueles que buscam ensinar a língua materna. O que desejamos, ao levarmos aos nossos alunos, filhos, compatriotas nosso patrimônio cultural, nossa literatura, é trilhar com eles um caminho no qual não falte nenhum verso, como ocorre no texto. Falar de identidade cultural é trabalhar para que todos tenham nos lábios toda a canção...

Para enriquecer ainda mais nossa reflexão, é imperdível o texto de Fernando Sabino (1992, p. 28-29).

#### **Conversinha "Minera"**

- É bom mesmo o cafezinho daqui, meu amigo?
- Sei dizer não senhor: não tomo café.
- Você é dono do café, não sabe dizer?
- Ninguém tem reclamado dele não senhor.
- Então me dá café com leite, pão e manteiga.
- Café com leite só se for sem leite.(...)
- Quando é que tem leite?
- Quando o leiteiro vem.
- Tem ali um sujeito comendo coalhada. É feita de quê?
- O quê: coalhada? Então o senhor não sabe de que é feita a coalhada?

- Está bem, você ganhou. Me traz um café com leite sem leite. Escuta uma coisa: como é que vai indo a política aqui na sua cidade?
- Sei dizer não senhor: eu não sou daqui.
- E há quanto tempo o senhor mora aqui?
- Vai para uns quinze anos. Isto é, não posso ‘agarrar’ com certeza: um pouco mais, um pouco menos.
- E o Prefeito? Que tal é o Prefeito daqui?
- O Prefeito? É tal e qual eles falam dele.
- Que é que falam dele?
- Dele? Uai, esse trem todo que falam de tudo quanto é Prefeito.
- Você, certamente, já tem candidato.
- Quem, eu? Estou esperando as plataformas.
- Mas tem ali o retrato de um candidato dependurado na parede, que história é essa?
- Aonde, ali? Ué, gente: penduraram isso aí...

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 1

1. Em seu texto, com uma divertida conversa, Sabino parece evocar um imaginário relacionado à vida em determinado lugar, a determinado contexto – o autor nos dá algumas pistas nesse sentido. Você consegue identificá-las e relacioná-las ao tema proposto para estas aulas: “Língua e Identidade cultural”? Seria bom se conseguisse grifar no texto fragmentos que ajudem a ilustrar sua resposta.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**ATIVIDADE****Atende aos Objetivos 1 e 2**

2. A partir do que discutimos até o momento, reveja a Aula 2. Nessa aula, solicitamos a você que ouvisse a música *Língua*, de Caetano Veloso. Ouça-a novamente, desta vez pensando sobre a conversa que mantivemos acima. Para iniciar, reflita sobre:

- nossa identidade cultural como nação... Temos, realmente, uma identidade cultural? Conseguimos percebê-la?
- nossa identidade latina... Afinal, somos um país de língua latina, somos latinos. O que identifica essa nossa latinidade?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Quando você puder (e tiver tempo) leia, de Gilberto Freire, *Casa Grande e Senzala* e/ou *Sobrados e mucambos*. São leituras imprescindíveis para quem deseja conhecer melhor nossas raízes e nossa identidade.

É válido você pesquisar em livros, ou ainda olhar à sua volta e analisar seu município, as pessoas que nele vivem, seus hábitos, costumes, crenças: esse município, onde você reside, possui traços de nossa identidade cultural?

As questões que lhe viemos apontando até o momento nos possibilitam retornar à discussão sobre língua materna e sua relação com a identidade cultural de uma nação. Quando pensamos na nossa língua portuguesa, nos lembramos, imediatamente, do bombardeamento que seus usuários sofrem ao deparar, todos os dias, em vários lugares, com línguas outras que não a sua.

Voltemos à Figura 4 (Aula 2). Nela, os personagens buscam um fio condutor, em língua nacional, com o objetivo de realizar um trabalho para a escola. No entanto, todos os letrados e *outdoors* (viu como escrevemos esta palavra?) apontam para línguas estrangeiras, notadamente o inglês. Retornando ao debate anterior, pensemos, agora: neste caso, onde estará guardada nossa identidade cultural? Podemos nos referir a ela?

Se você respondeu que não, qual a sua reação ao ler a seguinte nota, extraída do *Jornal do Brasil*?

#### BOM PORTUGUÊS

Todos os estabelecimentos comerciais do estado do Rio que tiverem nos letrados a sua designação com palavras estrangeiras – *coiffeur* para cabeleireiros, *gym* para academias de ginástica, *delivery* para serviços de entrega etc. – terão que mudá-los para o português num prazo máximo de seis meses.

Conforme o projeto da deputada Aparecida Gama (PSB) – aprovado pela Alerj e sancionado por Garotinho – o objetivo é priorizar e resguardar a cultura da língua portuguesa.

Detalhe: o não cumprimento da nova lei vai implicar em (*sic*) multa de 5.000 Ufrs.

Nomes próprios em outros idiomas continuarão valendo.

(*Jornal do Brasil*. Quarta-feira, dia 29 de agosto de 2001)

Como você mesmo pode observar, "agora é lei". E verificando esta lei, em que situação nos encontramos quando pensamos em *identidade cultural e utilização da língua materna*? Estaremos, realmente, preservando nossa identidade lingüística? Ou dependerá ela de algo mais do que decretos e leis? Acreditamos que se você retornar, agora, às aulas, perceberá melhor as relações existentes entre *poder, língua, ideologia* e os pontos que destacamos aqui, até o momento.

E já que nesta aula recorremos bastante à literatura, voltemos a ela. Possivelmente, todos nós conhecemos *Iracema*, "a virgem dos lábios de mel" e sua história, confundida com a própria história da chegada da "civilização" à América. Aliás, *Iracema* é um anagrama de América, o que reforça esta nossa afirmação.

Se você ainda não conhece *Iracema* leia o livro do mesmo nome – *Iracema* –, escrito por José de Alencar, um de nossos grandes escritores românticos.

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 2

3. Releia a obra *Iracema*, de José de Alencar, vendo o Brasil através da personagem Iracema e do colonizador português no personagem Martin. Se for possível, assista também ao filme e busque, a partir das leituras do texto e das imagens cinematográficas – outra forma de linguagem – construir o conceito de *identidade cultural brasileira*, traçando pontos que evidenciem nossa identidade, nossa maneira de ser, de sentir e de agir, principalmente verificando a possível relação entre Iracema – Brasil e Martin – Colonização...

Você pensou que tínhamos terminado esta aula? Grande engano! Esta discussão não tem fim! Veja, agora, outra notícia que extraímos do *Jornal do Brasil*, desta vez mais complexa do que a primeira:

#### UM GENOCÍDIO LINGÜÍSTICO

Em uma corrida contra o tempo, estudiosos se apressam a estudar idiomas ameaçados e denunciam que nunca tantos idiomas desapareceram tão rapidamente em todo o mundo.

(...) BRASIL IGNORA PATRIMÔNIO. A noção de que o Brasil é um manancial importante em termos de biodiversidade está consolidada dentro e fora das suas fronteiras. Já a idéia de que o país concentra um dos territórios mais ricos do planeta em termos lingüísticos espantaria a maioria de seus habitantes. E no entanto o Brasil é um dos nove países que, sozinhos, concentram quase a metade, 3.490, dos idiomas falados atualmente. “O Brasil se destaca como uma das mais importantes áreas bioculturais identificadas no mundo”, diz de Marrakesh, onde mora, o americano Gary Martin.

(...) Para Martin, lutar pela preservação de um idioma ameaçado é “uma questão básica de direitos humanos: temos de defender o direito dos povos falarem sua própria língua e seguirem seus próprios costumes”. Mas é muito mais do que isso. “Como

antropólogos, sabemos que mesmo que uma língua seja falada por algumas dezenas ou centenas de pessoas, ela é o veículo de um conhecimento cultural e ecológico acumulado sobre séculos de descobertas e pesquisas empíricas”, diz com a autoridade de quem já organizou projetos e pesquisas na China, Ilhas Fiji, México, Malásia, República Dominicana, Índia e Tailândia. “Se estas linguagens desaparecem, perdemos uma parte importante do patrimônio da humanidade”, completa.

O fio por onde é transmitida esta herança é muito frágil, alerta a lingüista brasileira Ruth Montserrat. “Bastam duas gerações para o processo se romper. É muito rápido. Os pais falam; os filhos só entendem; os netos nem uma coisa, nem outra. Toda a expressão de um povo se dá através da língua. Sem ela, fica truncada a possibilidade de transmissão dessa cultura”, observa a professora, que integrou o Comitê Nacional de Educação Indígena, entre 1993 e 1997 (FIGUEREIDO, 2001).

Uma notícia como a que lemos acima nos leva a pensar, novamente, sobre a relação existente entre *língua, uso da língua e identidade cultural*, desta vez sob ângulo diverso daquele que vínhamos desenvolvendo.

Quantos povos são expoliados de suas raízes, à medida que deixam de utilizar sua própria língua? Quantos povos são expoliados de sua grande riqueza cultural, quando não lhes permitem falar sobre ela e com ela? Quando falamos de identidade cultural, o que isto significa, perante o imenso número de línguas nativas existentes em solo brasileiro, ameaçadas de extinção? Como afirmou, na reportagem, a pesquisadora brasileira:

Toda expressão de um povo se dá através da língua. Sem ela, fica truncada a possibilidade de transmissão dessa cultura.

Ora, se pensarmos bem, a transmissão de uma cultura se dá através da língua, certo? Mas quando uma nação possui "línguas" diversas, o respeito a essa diversidade deve também existir, sob pena de "truncarmos a possibilidade de transmissão" da cultura de que elas emanam. Nesse sentido, é importante que *reflitamos sobre a diversidade na identidade*. Em outras palavras, que não nos esqueçamos de que vivemos em uma nação "que se destaca como uma das mais importantes áreas bioculturais identificadas no mundo"...



Enriquecendo ainda mais essas ponderações, agora no plano teórico e restrito do uso da língua, apresentamos algumas falas de Britto, Possenti (1997) e Valença (2001):

Sendo um objeto historicamente construído, a língua nacional é plena de valores e sentidos, e a percepção aguda da construção destes valores (pre conceito, exclusão, elitização, apropriação), o reconhecimento da variação, o entendimento dos diferentes registros e o lugar da norma padrão, a convivência com a literatura e a cultura nacional e universal, o domínio dos diferentes níveis de estrutura – tudo isso exige um sujeito que, além de usar a língua, saiba como estes processos ocorrem (BRITTO, 1997, p. 177).

Não há língua que permaneça uniforme. *Todas as línguas mudam*. Esta é uma das poucas verdades indiscutíveis em relação às línguas, sobre a qual não pode haver nenhuma dúvida (POSSENTI, 1997, p. 38).

Devemos saber que as palavras nascem e morrem, porque a língua é um sistema vivo, usado por pessoas que têm vontade própria e estão sujeitas às influências do meio em que vivem, da cultura da sua região. Por esse motivo, não devemos querer que a língua portuguesa seja mantida imutável. Mas devemos nos preocupar para que ela se modifique num ritmo próprio, não acelerado, por exemplo, por influência de outra língua(...) Quando se trata de língua, quem fala tem o poder de impor transformações o tempo todo. Não há dicionário, escola ou mesmo lei que tenha mais poder do que as pessoas que falam uma língua (VALENÇA, 2001).

Lendo com atenção esses trechos anteriores, podemos dizer que a *identidade*, em termos lingüísticos, não deve abafar a *diversidade* existente tanto entre os diversos falares regionais e registros quanto dentro de um mesmo falar ou registro. Afinal, como diz o segundo trecho, "todas as línguas mudam"...

Analisando ainda as falas anteriores, uma pergunta fica no ar: existe identidade cultural a partir do uso de uma língua, ou a identidade cultural de um povo se afirma a partir do uso da língua? Pense um pouco sobre este tema. Há livros que podem ajudá-lo a refletir...

Sugerimos, entre outros, o livro *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*, de Marilena Chauí.

Seria ótimo se você tentasse escrever um texto de sua autoria refletindo sobre esta pergunta, trazendo o que for possível de reflexão "acumulada" até este momento. De todo modo, já vamos dar uma ajudinha com um fragmento do polêmico artigo de Mário Perini (2001), intitulado: "A Língua do Brasil amanhã":

(...) Essa evolução da língua vem desde sempre, e tudo indica que vai continuar. Pelo que sabemos do passado, e pelo que esperamos do futuro, no Brasil o povo vai continuar usando a mesma língua que hoje chamamos simplesmente 'português'. Essa língua vai mudar, como já mudou muito no passado, e pode ser que dentro de algum tempo se comece a chamá-la de 'brasileiro', considerando-a outra língua, diferente da de Portugal. (...) Talvez seja uma pena a gente se afastar assim de nossas raízes, mas, afinal, de contas, é o mesmo que os portugueses estão fazendo(...) nesse detalhe como em muitos outros, não apenas o Brasil se afasta de Portugal, mas Portugal também se afasta do Brasil. É o que fatalmente acontece quando duas comunidades lingüísticas se separam política, cultural e geograficamente. Foi o que aconteceu com o latim popular, que se transformou nas atuais línguas românticas (...).

## RESUMO

- A língua é elemento preponderante na constituição da identidade cultural de um povo.
- Não se constituindo como um sistema único e homogêneo, a língua constrói a identidade de uma nação, transmitindo e dinamizando sua cultura.
- Por não se constituir como sistema único e homogêneo, a língua é, também, elemento preponderante na efetivação das *diversidades culturais e lingüísticas* existentes em uma nação.
- Uma nação pode possuir diversas línguas, consolidando ainda mais sua diversidade cultural.

## INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

A próxima aula, mais do que introduzir alguma questão nova, sintetizará essas nossas primeiras discussões. No entanto, também vai procurar apresentá-las a partir da ótica do ensino. Afinal, essa é uma das nossas metas.



# Função social da língua e ensino: construções e desconstruções

AULAS

# 9/10

## Meta da Aula

Realização de uma síntese das reflexões contidas nas aulas anteriores, bem como reflexão sobre o avanço da Lingüística, enquanto ciência da linguagem humana, que proporcionou um outro olhar para os estudos sobre a(s) língua(s) e, conseqüentemente, sobre seu ensino.

## objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

1. compreender as relações existentes entre língua materna, seu uso e suas funções na sociedade;
2. refletir, a partir das aulas anteriores, sobre a existência das relações língua e poder; língua e ideologia; língua e cidadania; língua e identidade cultural;
3. compreender que as relações discutidas anteriormente fazem parte de um outro olhar sobre a língua e, também, sobre seu ensino;
4. conhecer o debate ocorrido, no campo dos estudos da língua, com o surgimento da Lingüística.

## Pré-requisito

É imprescindível que você revise as aulas anteriores. Elas vão auxiliá-lo nesta última aula deste módulo.



## INTRODUÇÃO

Ao longo das aulas anteriores, estivemos preocupadas em fornecer materiais variados, em diferentes linguagens, para que fosse possível refletir, agora, sobre diversas questões relacionadas à língua materna e, conseqüentemente, ao seu ensino. Essas questões, só para lembrar, são as seguintes:

- As relações entre a língua, seu domínio e o poder.
- O poder e a ideologia como usos possíveis do domínio da língua.
- A língua como elemento de exclusão e de inclusão.
- A construção da cidadania, a partir da aquisição da língua.
- A identidade cultural construída pela consciência do patrimônio lingüístico.
- A língua como traço de união de um povo...Até que ponto?

Nesta aula, queremos, inicialmente, que você nos ajude a construir uma síntese de todas essas questões. Com isso, podemos deixar claras as relações entre elas e verificar a coerência de tudo quanto foi dito até agora. É isto mesmo: esta primeira parte da aula é praticamente uma construção sua. Mas, como “compatriotas” e usuários da mesma língua, não vamos resistir a “colocar nossa colher nessa cumbuca”. Vamos lá!

## SINTETIZANDO NOSSAS REFLEXÕES...

Definir... Essa foi uma de nossas primeiras preocupações quando falamos em *poder* e em *língua*. Buscamos definições dessas duas palavras e procuramos criar relações entre aquelas que se aproximavam de uma abordagem social, política e lingüística. Mas, e você? Que relações entre língua e poder você considera coerentes? É o que vamos saber agora. Procure elaborar, para cada um desses dois termos, uma definição que parta do seu entendimento a respeito do assunto. Use o espaço a seguir:


Que bom podermos contar com pontos de vista independentes! Isso nos deixa à vontade para pedir que você construa, agora, um parágrafo apontando as *relações entre língua e poder*:


Diante do que já dissemos até agora e do que você já acrescentou, gostaríamos de pensar um pouco mais a respeito do poder da língua, mais especificamente sobre a questão do tão divulgado "falar bem", como garantia de um espaço privilegiado na sociedade. Esse espaço, que pode ser inclusivo ou excludente, é uma conquista. Mas, até que ponto o domínio da língua está ligado a ela?

Leia o poema a seguir para pensarmos juntos sobre tudo isso:

### Pronominais

(Oswald de Andrade)

Dê-me um cigarro  
 Diz a gramática  
 Do professor e do aluno  
 E do mulato sabido  
 Mas o bom negro e o bom branco  
 Da Nação Brasileira  
 Dizem todos os dias  
 Deixa disso camarada  
 Me dá um cigarro

Nesse poema de **OSWALD DE ANDRADE** cria-se a oposição entre o português falado segundo a gramática e aquele falado pelo povo. Apesar de serem opostos – não porque sejam diferentes, mas porque são verso e reverso das exigências gramaticais – as duas formas de expressão dizem

### OSWALD DE ANDRADE

Foi um dos poetas mais significativos do movimento modernista brasileiro. Entre suas principais obras, destacamos *Pau Brasil* e *Memórias sentimentais de João Miramar* e, em relação à sua atuação no Modernismo, é preciso dizer que foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna (1922) e o criador do movimento antropofágico, cuja proposta era que “o Brasil devorasse a cultura estrangeira e criasse uma cultura revolucionária e própria”.  
[www.mundo-cultural.com.br/index.asp?url=http://www.mundo-cultural.com.br/literatura1/modernismo/brasil/1\\_fase/oswald\\_andrade.html](http://www.mundo-cultural.com.br/index.asp?url=http://www.mundo-cultural.com.br/literatura1/modernismo/brasil/1_fase/oswald_andrade.html)

absolutamente a mesma coisa e todos se entendem. Nesse sentido – o da comunicação – a língua do povo é a mesma que a do “bom falante”, aquele que obedece a todas as regras gramaticais e, sob essa perspectiva, a despeito da oposição de que nos fala o poema, ela une, porque é entendida tanto pelo “gramático” quanto pelo “povão”.

A abordagem de Oswald de Andrade vai além: ele aponta a espontaneidade da fala como um fator de descontração e, por isso, de aproximação entre os falantes. Ou seja, o escritor está valorizando em seus versos a fala popular, uma variedade da nossa língua caracterizada por algumas especificidades léxicas e fonéticas, mas que, do ponto de vista da comunicação, equivale a norma padrão. A pompa do uso erudito é vista como uma forma de distanciamento, rejeitado pelo falante intuitivo, que no poema é descrito como “o bom negro e o bom branco da Nação Brasileira”, através da fala “Deixa disso camarada”. Em outras palavras, o traço de união se concretiza pelo uso comum da língua, que torna seus falantes “camaradas” de um mesmo código, porque todos o compreendem. Dominar o uso da língua, contudo, torna-se um diferencial e pode se constituir num mecanismo elitizante.

Retornando às Aulas 5-6, temos outro poema de Oswald de Andrade tratando, igualmente, da mesma questão. Quando o poeta nos diz que “para telhado (dizem) teiado/e vão construindo telhados”, temos a certeza de que o uso da língua materna é, ao mesmo tempo, um *diferencial*, que separa as pessoas pelo fato de “falarem corretamente” ou não, e uma *identidade*, que faculta a essas pessoas o pertencimento a um mesmo *grupo lingüístico*. Vejamos o que diz Marcus Bagno sobre essa questão:

(...) Ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país – que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito –, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo mundo. São essas graves diferenças de *status* social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo lingüístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro – que são a maioria da nossa população – e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola.



Como a Educação ainda é privilégio de muito pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio da norma culta. Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua. Afinal, se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é formal, literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder – são os *sem-língua*. É claro que eles também falam português, uma variedade de português não padrão, com sua gramática particular, que no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão ou mesmo daqueles que, não falando o português-padrão, o tomam como referencial ideal – por isso podemos chamá-los de *sem-língua*.

O que muitos estudos empreendidos por diversos pesquisadores têm mostrado é que os falantes das variedades lingüísticas desprestigiadas têm sérias dificuldades em compreender as mensagens enviadas para eles pelo poder público, que se serve exclusivamente da língua padrão. Como diz Maurizio Gnerre em seu livro *Linguagem, escrita e poder*, a Constituição afirma que todos os indivíduos são iguais perante a lei, mas essa mesma lei é redigida numa língua que só uma parcela pequena de brasileiros consegue entender. A discriminação social começa, portanto, no texto da Constituição. (...) todas os brasileiros a que a Constituição se refere deveriam ter acesso mais amplo e democrático a essa espécie de língua oficial que, restringindo seu caráter veicular a uma parte da população, exclui necessariamente uma outra, talvez a maior.

Muitas vezes, os falantes das variedades desprestigiadas deixam de usufruir diversos serviços a que têm direito simplesmente por não compreenderem a linguagem empregada pelos órgãos públicos (...) (BAGNO, 2000, p. 15-19).

### ATIVIDADE



#### Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Diante desses três exemplos, perguntamos: como e quando o uso da língua exclui? Baseado na leitura dos poemas e do texto de Marcos Bagno escreva aqui sua resposta – você pode levar em conta a idéia de abismo lingüístico para elaborar a sua resposta:


Até agora, pensamos muito no domínio, no poder da língua sob a ótica do conhecimento, do saber lingüístico legitimado pela normatização. Olhando esse lado da moeda, chegamos a algumas conclusões a respeito do caráter unificador que a língua pode ter. O outro lado da moeda está por ser visto. Nele, vemos um aspecto do domínio lingüístico bem diferente daquele de que falamos anteriormente: trata-se de um tipo de conhecimento que leva em conta a vivência de determinadas situações e nela influenciam o lugar, as pessoas e o tempo em que se vive. Em outras palavras, referimo-nos à relação existente entre *língua* e *cultura*. Além disso, há em cada pessoa algo que pode diferenciá-la de outros: a *sensibilidade* diante de certos usos da língua. Nesse caso, referimo-nos a outra relação: a que existe entre *língua* e *subjetividade*. Ou seja, pensando nos aspectos da cultura e da subjetividade relacionados à língua, podemos ainda dizer que há diferentes modos de compreender, interpretar ou até mesmo ler. Isso porque estabelecemos relações diversas com os enunciados, textos, objetos, discursos, relações que têm a ver com os nossos processos coletivos, mas também individuais de aprendizagem, com as experiências de cada um em seu contexto sociocultural.

Muitas vezes, dominar as regras normativas de nossa língua não é suficiente para decodificar discursos que trabalham com informações ligadas a experiências de vida, assim como tal domínio não garante o entendimento de um texto que lida com as emoções. O que pensar, então, de um enunciado que une os dois ingredientes? Aqui vai um, só para pensar um pouco:

### Bem leve

(Marisa Monte e Arnaldo Antunes)

Bem leve leve  
 releve  
 quem pouse a pele  
 em cima de  
 madeira  
 beira beira  
 quem dera mera mera  
 cadeira  
 mas breve breve  
 revele  
 vele vele  
 quem pese  
 dos pés a caveira  
 Dali da beira uma palavra cai no chão  
 caixão  
 dessa maneira  
 Uma palavra de madeira em cada mão  
 Imbuia  
 Cerejeira  
 Jacarandá, Peroba, Pinho, Jatobá  
 Cabreúva  
 Garapera  
 Uma palavra de madeira cai no chão  
 caixão  
 dessa maneira.

Após ouvir a música no CD, caso você o tenha ou o consiga com alguém, leia novamente a letra. A brincadeira com a sonoridade das palavras é o primeiro ponto que nos chama a atenção. Logo, logo, porém, passamos a tentar driblar o estranhamento causado pela relação entre as imagens construídas a partir do vocábulo madeira e os nomes dos tipos de madeira que aparecem no poema. Você deve estar se perguntando qual o ponto de contato entre esse texto e a questão do domínio da língua. É justamente o conhecimento dos nomes que mencionamos que faz a grande diferença aqui. Afinal, no poema, fala-se em “palavra de madeira”, que tanto está “em cada mão” como, mais adiante, “cai no chão” e vira “caixão/dessa maneira”. A dureza da madeira – só madeira, genericamente – é um conhecimento difundido. Mas, e a especificidade de cada uma? Será suficiente penetrar nas entrelinhas do texto e desconstruí-lo para dar conta das diferenças que cada um dos nomes ali citados é capaz de expressar? A experiência de alguém que conheça cada um deles é um acréscimo dos mais ricos. Não seria esse enriquecimento pela vivência uma forma de unir pela diversidade? E a identidade cultural? Também não se dilata com a convivência de saberes distintos, a respeito de uma mesma cultura, representada por uma mesma língua, o que, de certa forma, traz a *diversidade* para a *identidade*? A partir dessas questões, vamos, mais uma vez, querer compartilhar de seu ponto de vista sobre a relação entre a língua e a identidade cultural. Lembrando que você já explicitou, no início desta aula, seu conceito de língua, pedimos, agora, que você nos diga o que entende por *identidade cultural*. Para isso, dê uma olhada nas Aulas 7-8, nos quais você poderá reler o texto de Affonso Romano de Sant’Anna, além de rever a própria discussão a respeito do assunto.

Pronto? Então, o espaço é todo seu.

**ATIVIDADE****Atende aos Objetivos 1 e 2**

2.


Entendendo que a identidade cultural também se dá pela diversidade possibilitada pela troca, podemos começar a pensar em até que ponto a língua se estabelece como traço de união. Antes, porém, releia o trecho retirado do romance de Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, que se encontra ao final das Aulas 5-6.

O personagem central do romance de Lima Barreto caracteriza-se por seu extremado patriotismo e por uma certa idealização dos assuntos ligados à sua pátria. Não é sem razão que, diante de várias decepções e desilusões, nosso Policarpo Quaresma acaba amargando o triste fim que intitula a obra. Vejamos alguns dos argumentos arrolados pelo personagem para que o tupi-guarani seja adotado como língua oficial do país:

- 1º: o fato de o português ser uma língua “emprestada” de outro país;
- 2º: a complexidade gramatical do português, que leva a rusgas freqüentes entre escritores e gramáticos que procuram entendê-la;
- 3º: a consideração de que a língua é a mais alta manifestação de inteligência de um povo;

4º: a idéia de que a emancipação política de uma nação depende de sua emancipação idiomática;

5º: a ancestralidade e anterioridade do tupi-guarani, que o tornam mais adequado aos órgãos vocais e cerebrais dos habitantes do Brasil.

O ponto de vista do personagem fica mais claro a partir daí: para ele, a língua de um povo deve ter um caráter autóctone, pois, dessa forma, poderá rejeitar o poder exercido na relação colonizador/colonizado e estabelecer-se como manifestação genuína do povo que a utiliza. Mais que isso: as manifestações culturais oriundas desse povo tornam-se mais legítimas quanto menos ligadas às influências estrangeiras. Por isso, Policarpo defende a instauração do tupi-guarani como língua oficial do Brasil. Segundo Quaresma, portanto, a identidade cultural é restritiva, e a língua, um elemento aglutinador de um também restrito grupo de usuários. Por que usamos o termo restritiva? Porque, partindo do pressuposto de que um povo é mais independente quanto menos permeável é sua cultura, o personagem não leva em conta a troca. E por que o grupo se torna restrito? Porque teria de possuir uma ligação atávica com a pátria, para que sua capacidade de absorção da nova língua fosse suficientemente satisfatória para seu uso.

É claro que Quaresma buscava na língua um traço de união, concebido como rejeição do que fosse estrangeiro. A língua pode ser um traço de diferenciação, portanto, nem sempre de união. Já falamos a respeito dos fatores que podem facilitar esse processo.

**ATIVIDADE****Atende ao Objetivo 1**

3. Consultando as aulas anteriores, faça um breve parágrafo em que você responda à questão que se segue: A língua tem uma “função social”?


**UM NOVO OLHAR SOBRE A(S) LÍNGUA(S): A LINGÜÍSTICA**

Agora chegou a vez de avançar nas reflexões, exatamente do ponto em que estamos. Veja, você acabou de redigir um texto curto, dando uma resposta à pergunta – *A língua tem uma “função social”?*

Você sabe que, antes do surgimento da Lingüística, essa questão não era posta, simplesmente porque as pessoas não haviam se dado conta de que a língua *tinha* essa função?

Pois é! Até aproximadamente o início do século XX, a(s) língua(s) era(m) vista(s) como um conjunto de fonemas que, articulados, compunham palavras e formavam frases. Quem estudava uma língua buscava compreender essa articulação entre sons (fonologia), forma e estrutura (morfologia e sintaxe). E quem “ensinava”, procurava explicar esse mecanismo. Língua como poder, como exercício de cidadania? Não eram questões que aparecessem nessa(s) situação(ões)...

Mas bem no início do século XX, Ferdinand de Saussure (já falamos dele na primeira aula, lembra?) começa a pensar sobre o processo de comunicação das línguas e estabelece diferenças entre *língua* e *fala*; entre *sincronia* e *diacronia*; enfim, abre um novo campo de conhecimento sobre a linguagem humana – a Lingüística.

A bem da verdade, não podemos dizer que a Lingüística *mudou totalmente* o modo como se olhava para uma língua, ao estudá-la.

Algumas de suas correntes, principalmente as que iniciaram esse campo investigativo, viam a(s) língua(s) em si, internamente. Mas não podemos dizer que seu advento não detonou uma outra forma de enxergá-la, mais aberta a fatores externos, como os que intervêm em uma sociedade, uma cultura.

Com o tempo, a Lingüística ganha novos adeptos. Estudiosos se debruçam sobre as primeiras inferências saussureanas e vão constituindo o campo dos estudos lingüísticos. Essas reflexões avançam com a atuação de outros campos de conhecimento (Sociologia, Psicologia, entre eles) interferindo nesses estudos; vão crescendo as áreas da Psicolingüística, da Sociolingüística, com as pesquisas de Noam Chomsky, Basil Bernstein, Labov...

O campo mesmo da linguagem também se amplia e, dos estudos centrados na palavra e na frase, iniciam-se as investigações que partem do *texto* como unidade de significação e de sentido. Esta *descoberta* possibilitou o advento de outras tendências na lingüística – a lingüística textual e a análise do discurso, por exemplo. Buscando ampliar estas reflexões, vamos ler algumas afirmações que dizem muito sobre o que acabamos de contar para você?

(1) Ora, a “língua” como uma “essência” não existe: o que existe são *seres humanos* que falam línguas, “os indivíduos que constituem o todo da população”. A língua não é uma abstração: muito pelo contrário (...) poderemos deslocar nossas reflexões de um plano abstrato – a “língua” – para um plano concreto – os falantes da língua. Isso significa o quê, na prática: Significa olhar para a língua dentro da realidade histórica, cultural, social em que ela se encontra, isto é, em que se encontram os *seres humanos* que a falam e escrevem. Significa considerar a língua como uma *atividade social*, como um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes toda vez que se põem a interagir verbalmente, seja por meio da fala, seja por meio da escrita. (...) A mudança de foco – do abstrato para o concreto – é que permite a formulação de outra concepção de língua (BAGNO, 2002, p. 23-24).

(2) A língua não é apenas sinal e reflexo das estruturas de uma sociedade e da evolução desta ao longo do tempo (...) A língua, por sua própria natureza, é o veículo através do qual circulam a informação e o conhecimento, além de ser a forma mais simples de alguém demonstrar que os possui (DACANAL, 1990, p. 23-24).



(3) Em resumo, aquilo que se chama vulgarmente de linguagem correta não passa de uma variedade da língua que, em determinado momento da história, por ser a utilizada pelos cidadãos mais influentes da região mais poderosa do país, foi a escolhida para servir de expressão do poder, da cultura desse grupo, transformada em única expressão da única cultura. Seu domínio passou a ser necessário para obter-se acesso ao poder. O que precisa ficar claro é que essa variedade, a mais prestigiada de todas, possui força em razão de dois fatores, ambos desligados de sua, digamos, estrutura: pelo fato de ser utilizada pelas pessoas mais influentes, donde se deduz que seu valor advém não de si mesma, mas de seus falantes; e por ter merecido, ao longo dos tempos, a atenção dos gramáticos, dos dicionaristas e dos escribas em geral, que se esmeraram em uniformizá-la ao máximo, em adicionar-lhe palavras e regras que acabaram por torná-la, efetivamente, a variedade capaz de expressar maior número de fatos ou idéias (...) As outras variedades ou foram confinadas ao uso no dia-a-dia, ou a finalidades muito bem definidas pela sociedade (POSSENTI, 2001, p. 51-52).

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 2

4. As três citações anteriores, fruto das investigações de três estudiosos brasileiros do campo dos estudos da linguagem apresentam, em comum, o fato de partir de um olhar diferente a respeito da língua. Procure identificar esse olhar, retirando partes de cada texto e correlacionando com o que discutimos nesta parte da aula.

Afinal, o que caracteriza esse *olhar diferente* sobre a língua?

---



---



---



---



---

## **E COMO FICA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA, A PARTIR DESSE OUTRO OLHAR SOBRE A(S) LÍNGUA(S)?**

É óbvio que a abertura proporcionada ao estudo da(s) língua(s) trazida pela Lingüística, em suas diversas possibilidades de estudo da linguagem humana, não ficou circunscrita aos seus campos investigativos, ou seja, as questões e debates que elas suscitaram foram penetrando nas salas de aula dos cursos de nível superior, de nível médio e também, paulatinamente, do nível fundamental.

Hoje, nas séries iniciais, já não é mais "novidade" para muitos professores o fato de que trabalhar com textos é muito mais gratificante e significativo do que com frases ou palavras soltas, sem sentido para o aluno. Aliás, essa é a orientação dos próprios *Parâmetros Curriculares Nacionais* para o ensino da língua. Vejamos alguns de seus objetivos gerais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental:

- Conhecer e respeitar as diferentes variedades lingüísticas do português falado.
- Expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-las com eficácia em instâncias públicas, sabendo assumir a palavra e produzir textos – tanto orais como escritos – coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados.
- Valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos.

Sabemos que já há profissionais trabalhando com outras variantes da língua em sala de aula, ou seja, sem deixar de lado a língua-padrão, esses professores exploram a oralidade, as atividades que discutem a língua e suas várias possibilidades... Mas se não fossem os estudos lingüísticos abrirem o campo para essas tentativas, como estaríamos hoje?

Vamos, novamente, recorrer a algumas afirmações fundamentais para começarmos a pensar na relação *língua materna e ensino*:

(1) Em geral, quando se fala em ensino, uma questão prévia – para que ensinamos o que ensinamos?, e sua correlata: para que as crianças aprendem o que aprendem? – é esquecida em benefício de discussões sobre o como ensinar, o quando ensinar, o que ensinar, etc. Parece-me, no entanto, que a resposta ao “para que” dará efetivamente as diretrizes básicas das respostas (GERALDI, 2001, p. 40).

(2) Falar contra a “gramatiquice” não significa propor que a escola seja só “prática”, não reflita sobre questões de língua. Seria contraditório propor esta atitude, principalmente porque se sabe que refletir sobre a língua é uma das atividades usuais dos falantes (...) Trata-se apenas de reorganizar a discussão, de alterar prioridades (discutir os preconceitos é certamente mais importante do que fazer análise sintática – eu disse mais importante, o que significa que a análise sintática é importante, mas é menos...) ((POSSENTI, 1998, p. 56).

(3) O objetivo da escola, no que diz respeito à língua, é formar cidadãos capazes de se exprimir de modo adequado e competente, oralmente e por escrito, para que possam se inserir de pleno direito na sociedade e ajudar na construção e na transformação dessa sociedade – oferecer a eles uma verdadeira *educação lingüística* (BAGNO, 2002, p. 80).

### ATIVIDADE



#### Atende aos Objetivos 3 e 4

5. Agora, que você já leu os três trechos anteriores, responda:

a. O que caracteriza o *olhar diferente* sobre a língua, quando nossa preocupação está no *ensino* dessa língua? Exemplifique sua resposta com os trechos apresentados.

---

---

---

---

---

---

---

b. Retornando às Aulas 3-4, qual a perspectiva que se aproxima deste olhar sobre o ensino da língua: a técnico-instrumental, ou a sociointeracionista? Justifique sua resposta.

---

---

---

---

---

---

---

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 4

6. Para enriquecer ainda mais a reflexão, você lerá o fragmento de um diálogo bastante interessante:

- A quem se ensina o português?
  - Ora, além de estrangeiros interessados, ensina-se principalmente a brasileiros...
  - ... que já falam português?! Ah! Então eles não falam bem português?!
  - Bem, claro que falam, desde crianças...
  - Ah! Entendi... Existem duas línguas com o mesmo nome “português”: uma nacional, natural, que todo mundo já nasce falando e uma outra, estrangeira, que é preciso ir à escola aprender...
- (ALMEIDA, 2001, p. 10).

Você concorda com a conclusão do sujeito de que, de fato, existem duas línguas? Então, você responderá a esta questão entrando na conversa, assumindo a sua autoria. A última fala do diálogo é sua.

---

---

---

**RESUMO**

Podemos sintetizar estas aulas da seguinte forma:

- ao refletir sobre a função de uma língua, não podemos esquecer que ela se insere na sociedade e é produto dos homens, ou seja, é então uma prática que está imersa nas relações de poder que constituem essa mesma sociedade;
- a língua tem uma função social e é permeada por questões ideológicas e contra-ideológicas que vão constituir a cidadania e a identidade dos grupos que a utilizam;
- quando pensamos em ensino de língua materna, é preciso pensar na abertura que os estudos lingüísticos proporcionaram e, nesse sentido, precisamos estar igualmente abertos para um outro olhar em relação às práticas que podem ser efetuadas em sala de aula.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA**

Na próxima aula, vamos iniciar um novo módulo. Nele, apresentaremos as práticas tradicionais de ensino de língua, tentando refletir sobre elas, na busca de uma outra prática, mais comprometida com os usos e falares que constituem uma língua. Que tal mudar de página e começar essa leitura agora?



## Língua Portuguesa na Educação 1

---

# Referências

## Aula 1

---

CARROL, Lewis. *Alice: Aventuras de Alice no país das maravilhas*: através do espelho. Edição comentada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CÂMARA JUNIOR, Mattoso. O grande teórico do português Joaquim Mattoso Câmara Junior, foi pioneiro da lingüística e do estruturalismo no país. *Ciência Hoje*. Disponível em: <cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/1626>. Acesso em: 21 out. 2008.

MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral*. Lisboa: Sá da Costa, 1972.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Cultrix, 1974.

## Aula 2

---

BETO, Frei. *Introdução à política brasileira*. 14.ed. São Paulo: Ática, 1991.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola, 2003.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LOBATO, Monteiro. *Aventuras de Hans Staden*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MACHADO, Josué. Lula e a língua do povo. *Revista Educação*, v. 6, n. 71, p. 32-39, mar. 2003.

## Aulas 3/4

---

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

CARROL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. São Paulo: Ática, 1982.

CHAUI, Marilena. *O que é ideologia?* São Paulo: Brasiliense, 1980.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: ALB, 1996.

LÖWY, Michel. *Ideologia e ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 1998.

MAZARIN. *Breviário dos políticos*. São Paulo: Ed. 34, 1997.



- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ediouro, [19--].
- CARMO, Paulo Sérgio do. *A ideologia do trabalho*. 5 ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- DEMO, Pedro. *Cidadania tutelada, cidadania assistida*. São Paulo: Autores Associados, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: LP&M, 1991.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. São Paulo: Ediouro, [19--]
- SARAMAGO, José. *Jangada de pedra*. Lisboa: Afrontamento, 1992.

- ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Ediouro, [19--].
- BRITTO, Luiz Percival Leme. *A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical*. Campinas: ALB / Mercado de Letras, 1997.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*. São Paulo, Cortez, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Conformismo e resistência*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- FIGUEREIDO, Cláudio. Um genocídio lingüístico. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 jan. 2001.
- PERINI, Mário, Alberto. A língua do Brasil amanhã. *Ciência Hoje*, Rio Janeiro, jul. 2001.
- POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1997.
- SANTANNA, Affonso Romano de. *Fizemos bem em resistir*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- VALENÇA, Rachel Teixeira. Sua língua, sua identidade. *Ciência Hoje das Crianças*, Rio de Janeiro, n. 115, jul. 2001.

#### Leitura indicada

- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 46.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. 668 p.
- \_\_\_\_\_. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ALMEIDA, Milton José de. Ensinar Português? In: GERALDI, João Wanderley (Org.) *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2001.

ANDRADE, Oswald de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. v. 7.

BAGNO, Marcos. *Língua materrna-letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro?* um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001.

BAGNO, Marcus. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2000.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ediouro, [19--].

DACANAL, José Hildebrando. *Linguagem, poder e ensino da língua*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. São Paulo, Ática, 2001.

JORNAL DO BRASIL *Revista Domingo*. Rio de Janeiro, 15 jul. 2001.

MUNDOCULTURAL. Oswald de Andrade. Disponível em: <[http://www.mundocultural.com.br/index.asp?url=http://www.mundocultural.com.br/literatura1/modernismo/brasil/1\\_fase/oswald\\_andrade.html](http://www.mundocultural.com.br/index.asp?url=http://www.mundocultural.com.br/literatura1/modernismo/brasil/1_fase/oswald_andrade.html)>. Acesso em: 22 out. 2008.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola?* São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

RICHTER, Marcos Gustavo. *Ensino do português e interatividade*. Santa Maria: UFSM, 2000.



ISBN 978-85-7648-538-4



9 788576 485384



**UENF**  
Universidade Estadual  
do Norte Fluminense



Universidade Federal Fluminense



**GOVERNO DO  
Rio de Janeiro**

SECRETARIA DE  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA



**Ministério  
da Educação**

